



ÁGUA VAI

revista portuguesa de cultura



OLIMPIADAS NO RIO

Como viver os Jogos Olímpicos em 10 passos

MULTILINGUISMO

Vantagens de conhecer vários idiomas

METAL EM PORTUGAL

O lado mais "pesado" da música portuguesa

ERASMUS+

Estágios em Viseu e Faro

5º Congresso
dos Estudantes
Lusitanistas da
Polónia

Nº8. ANO LETIVO
2016 / 2017

ISSN 2544-5677



Lino Matos

Editado pelo Centro de Língua Portuguesa/Camões em Lublin

DIRETORA DO CENTRO

Professora Doutora Barbara Hlibowicka-Węglarz

Redação

Anna Krupa
Dorota Podstawka
Elina Toyos
Jędrzej Lipnicki
Joanna Celińska
Lino Matos
Yana Stsiapura

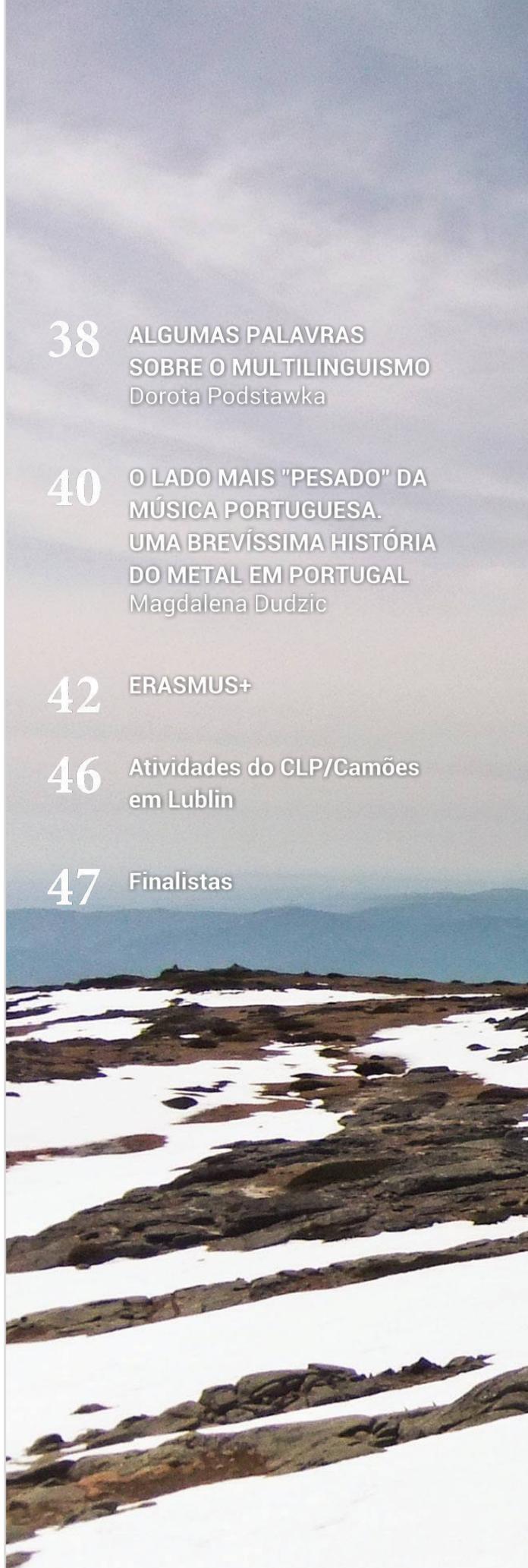
Fotografia da Capa: Lino Matos
Grafismo: Alexandre Cardoso
Nº8 • Ano letivo 2016/2017

Ul. Sowińskiego 12 • 20-040 LUBLIN
e-mail: clp.lublin.poloniam@gmail.com
www.umcs.lublin.pl/camoes

ÍNDICE

5º Congresso dos Estudantes Lusitanistas da Polónia: Língua e cultura portuguesa através dos séculos

- 04** **DA INFORMALIDADE À CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**
Ana Carolina Andres, Gabriela Filippio da Silva, Kenia Becker Guimarães
- 09** **RÁDIO NO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL: QUE FRONTEIRA É ESTA?**
Daniella Rigodanzo Koslowski, Vera Lucia Spacil Raddatz
- 14** **RELAÇÕES PORTUGAL-BRASIL: UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO**
Dinameire Oliveira Carneiro Rios
- 20** **O DESENVOLVIMENTO DO CRIME ORGANIZADO NO BRASIL**
Keli das Chagas Medeiros
- 25** **„AFIRMA PEREIRA” DE ANTONIO TABUCCHI. O LIVRO DE „UM ITALIANO QUE SONHAVA EM PORTUGUÊS” E LEVAVA LISBOA NO SEU CORAÇÃO**
Magdalena Zakowicz
- 29** **MÚSICA CONTRA A DITADURA**
Paulina Sztamberek
-
- 32** **COMO VIVER OS JOGOS OLÍMPICOS EM 10 PASSOS**
Anna Krupa
- 38** **ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O MULTILINGUISMO**
Dorota Podstawka
- 40** **O LADO MAIS “PESADO” DA MÚSICA PORTUGUESA. UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA DO METAL EM PORTUGAL**
Magdalena Dudzic
- 42** **ERASMUS+**
- 46** **Atividades do CLP/Camões em Lublin**
- 47** **Finalistas**



DA INFORMALIDADE À CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

Por: Ana Carolina Andres, Gabriela Filippio da Silva e Kenia Becker Guimarães
Universidade de Passo Fundo



Resumo: O mercado do trabalho informal, em função da economia, vem aumentando consideravelmente. Trabalhadores inserem-se nesse ramo em busca de renda maior em relação às oferecidas no mercado formal, para complementar uma renda já fixa, ou por necessidade de subsistência própria e familiar. O trabalhador informal corre diversos riscos, como o de jornadas exaustivas e abusivas e salários baixos, além de não gozarem dos direitos trabalhistas, o que caracteriza desigualdade e vulnerabilidade social. Esses fatores influenciam na saúde física e psíquica do trabalhador. Ainda que por vezes o trabalho informal seja árduo, muitos sujeitos ainda encontram nele sentido e satisfação pela oportunidade de desempenhá-lo, o que comprova a importância do trabalho na subjetividade de um indivíduo.

Palavras chave: trabalho; trabalho informal; subjetividade; informalidade.

Introdução:

Desde décadas mudanças acontecem na economia brasileira e tais são discutidas para tentar sanar seus problemas e não gerar um caos entre os cidadãos. Tais preocupações são um movimento para acalmar a população diante dos altos números de desemprego, opressões trabalhistas e trabalho infantil, todos esses caracterizando, em determinadas situações, um trabalho servil. A grande exigência da força de trabalho pelos setores e a queda do emprego industrial modificam o mercado

de trabalho, aumentando a informalidade. Atualmente cresce ainda mais esta informalidade uma vez que altas taxas financeiras são necessárias, em situações formais, para manter para que um empregador mantenha o empregado.

O mercado informal surgiu quando o país passava por crises econômicas severas e o índice de desemprego aumentou. Para muitos trabalhadores é a oportunidade de ter renda

maior do que os salários oferecidos no campo formal, ou de complementá-la. O trabalhador informal encontra-se afetado negativamente pelo fato de, por não possuir vínculo formal com o empregador, não gozar dos direitos assegurados por um contrato de trabalho.

No trabalho informal ainda há a suscetibilidade de salários baixos, jornadas abusivas e relações de trabalho autoritárias. Acrescidos a isso, encontram-se, também, as consequências físicas e psicológicas que um trabalhador pode sofrer diante de tais aspectos e a falta de amparo que as acompanha.

A psicologia do trabalho irá buscar descrever e explicar alguns fenômenos e processos psicológicos no exercício deste trabalho, alicerçado das condições que são estabelecidos pelo meio técnico e social. Apropriando-se da teoria de Dejours e Freud, e com suporte no olhar clínico, pode-se, também, explicar como o trabalho pode ser construtor da subjetividade. Com o conhecimento sobre as características do trabalhador e do local de trabalho, podemos evidenciar como essa subjetividade poderá influenciar em vários aspectos vitais.

O crescimento do trabalho informal

Segundo o Dicionário Michaelis, estivador é “[...] aquele que trabalha nas capatazias dos portos no serviço de carga e descarga de navios, quer transportando mercadoria do armazém ao navio ou vice-versa quer arrumando-as no necessário empilhamento [...]”. Assim se denomina nosso trabalhador. Nos dias de hoje, possuem locais, pontos fixos, para permanecer e esperar até que um empregador necessite de seus serviços e o chame.

“ Ainda que por vezes o trabalho informal seja árduo, muitos sujeitos ainda encontram nele sentido e satisfação pela oportunidade de desempenhá-lo, o que comprova a importância do trabalho na subjetividade de um indivíduo. ”

O trabalhador entrevistado conseguiu melhorar seu atendimento, pois permanece em casa e aguarda as ligações dos empregadores para solicitação de seus serviços. Relata que tudo isso se deu graças a sua postura no trabalho, não trabalhando embriagado - como alguns colegas - e mostrando respeito e comprometimento com sua profissão. Trabalha há 18 anos nesse ramo, diz estar muito satisfeito, orgulhoso do que faz e financeiramente bem remunerado, pois consegue manter a família. Relata que partiu para esse trabalho por não ter estudado e por esse ser o único trabalho pelo qual conseguiria manter financeiramente sua família.

As autoras (Correa e Lopes, 2009) afirmam que quando a crise econômica aumentou, e a capacidade de gerar empregos diminuiu, houve um aumento no trabalho informal e

assim propagação de questionamentos sobre a origem deste trabalho já que tais trabalhadores não possuem vínculo com o governo ou alguma instituição, não cumprem leis e regras trabalhistas - sem contratos registrados ou seguridade social - como também sem definir horas de trabalho e descanso semanal remunerado entre outros.

Ao analisar a informalidade através da auto-ocupação, as autoras discorrem que os indivíduos, independente do sexo, podem entrar no mercado informal pelo histórico familiar, pela busca de uma jornada de trabalho flexível, pelo controle do seu próprio negócio, assim como pela oportunidade de ganhos superiores àqueles dos empregos assalariados de média e baixa qualificação. Mas, podem entrar na informalidade também por uma estratégia de sobrevivência, ou seja, uma alternativa à falta

de melhores oportunidades de emprego - nesta última situação, os indivíduos recorrem à informalidade como forma de aliviar ou evitar a pobreza, desconsiderando as características não pecuniárias da posição, exercendo muitas vezes trabalhos de baixa produtividade.

Esclarecem ainda que há estudos indicando que a maioria dos homens entra no mercado informal porque precisa trabalhar para sustentar a si próprio e a sua família, sendo que, não conseguindo lugar no mercado formal, partem para a informalidade. Já as mulheres, encontram no mercado informal a possibilidade de aumentar a renda familiar através do trabalho, podendo conciliá-lo às tarefas domésticas. Assim, esse mercado tornou-se uma alternativa de sobrevivência e complemento de renda para aqueles que têm dificuldade em inserir-se no mercado formal, seja por causa da idade, sexo, habilidade, condições físicas ou pela redução de custos das empresas. O fato é que o setor informal absorveu um grande número de pessoas durante a década de 90, e essas pessoas passaram a desempenhar atividades sem proteção.

A autora (Cruz, 2014) afirma que o mercado informal expande devido à falta de oportunidades no mercado formal, isto é, há uma nova tendência de curso do mercado que cresce gradativamente. Uma das complicações da expansão deste mercado, porém, é a diminuição da receita tributária do país, podendo, assim, gerar danos na economia e, conseqüentemente, na população. A diminuição da receita no país pode refletir no desenvolvimento do mesmo, impedindo a criação de projetos de financiamentos e empréstimos voltados à abertura de novos negócios e, em contrapartida, aumentando o desemprego.

O trabalhador informal e as vicissitudes de seu trabalho

É possível perceber que, além de afetar negativamente a economia do país, o trabalho informal também apresenta conseqüências nocivas aos sujeitos que o exercem. Assim como muitos entram sujeitando-se a ele como forma de complementar a renda, ou de alcançar salários maiores que o de muitos trabalhadores formais, sabe-se também que, no ramo, há aqueles que não se encontram em posição satisfatória, que garanta seu bem-estar.

Segundo as autoras, (Bernardino; Andrade, 2015: 149-158) pelo fato de não haver vínculo formal com o empregador e, assim, não possuir benefícios – nem direitos – trabalhistas assegurados, o trabalhador informal encontra-se em estado de vulnerabilidade e desigualdade social. Além de não ter direitos como a aposentadoria, o FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), seguro desemprego etc., o trabalhador informal também não conta com garantias de suporte algum em casos de acidentes de trabalho. O trabalho informal ainda apresenta o risco de submetimento a

relações autoritárias de trabalho, remunerações baixas e jornadas abusivas. Tais aspectos negativos e danosos do trabalho informal são vivenciados de forma dolorosa e brutal por aqueles que por necessidade – de sustento próprio e da família, por exemplo – sujeitam-se ao serviço.

O trabalhador acompanhado afirma ter-se inserido no ramo do trabalho informal devido a sua baixa escolaridade e dificuldade em conseguir um emprego melhor que trouxesse o sustento para sua família. A perspectiva de ver-se, futuramente, obrigado a abandonar sua fonte de renda, por motivos de saúde, sem visão alguma de como manter a família é, visivelmente, uma preocupação que abala fortemente o trabalhador.

Encontramos, no relato do trabalhador, a impossibilidade de afastar-se de seu trabalho uma vez que não tem seus direitos de trabalhador assegurados. A desigualdade social é coroada com insegurança e desamparo, já que

o não trabalhar significa, aqui, não ser capaz de manter a família e o trabalhar é a degradação cada vez mais rápida da saúde do sujeito, que, em seu futuro, não consegue encontrar maneiras de subsistir.

Os fatores acima referidos certamente também têm um impacto negativo na vida psíquica de um indivíduo. As autoras (Bernardino; Andrade, 2015: 149-158) não apenas o fato de suportar um trabalho árduo e desgastante diariamente, também deparar-se com as consequências deste trabalho e um futuro incerto e, até mesmo, ameaçador da integridade são potenciais razões para alavancá-lo de um sofrimento psíquico intenso. É sabido que podem ser encontrados aqui sentimentos de inutilidade – em relação ao futuro: em questão de tempo, não poder mais dar o sustento da família – e depressão.

Trabalho como construtor da subjetividade

Segundo o autor (Dejours, 2004: 27-34), o trabalho, a partir do olhar clínico, é tudo aquilo que irá implicar em gestos, saber-fazer e o engajamento do corpo, juntamente com a mobilização da inteligência e a capacidade de refletir, interpretar e reagir frente às situações enfrentadas no ambiente do trabalho; é também o poder de pensar e sentir, ou seja, é todo o engajamento da personalidade para responder a uma tarefa delimitada por dois tipos de pressões – materiais e sociais. É através do trabalho que o sujeito constrói sua identidade social. Para a construção dessa identidade é preciso ter uma relação com o real do trabalho.

O autor (Mendes, 2012) apropria-se da teoria de Freud para explicar como se dá a relação entre o trabalho e o trabalhador. Para Freud, o trabalho é tudo que envolve a atividade profissional e a atividade psíquica. “O adulto entra no mundo do trabalho, deixando o paraíso infantil para apropriar-se de uma realidade construída que também permite gratificações e prazer”. O trabalho, então, irá

oportunizar a ligação das formas libidinais não apenas com a tarefa, mas também com os outros e com o ambiente, o que irá causar uma gratificação pulsional. Essa gratificação será dada pelo próprio trabalhador que, articula o seu fazer e o viver junto, “sendo fundamental, para tanto, o saber prático, a cooperação e o reconhecimento como dimensões intrínsecas da mobilização subjetiva”.

“O trabalho é da alçada da subjetividade. Significa dizer que o trabalho, naquilo que ele tem de essencial, não pertence ao mundo visível.” (Dejours, 2004: 29). É necessário expor a relação que é dada entre a inteligência no trabalho, o corpo e sua visibilidade. Toda a sensibilidade do trabalhador, sua virtuosidade, habilidade e destreza passam pelo corpo – considerando aqui o corpo como um todo, não apenas o cérebro – e toda sua técnica se desenvolvem a partir do corpo, constituindo a sede da inteligência e de habilidade no trabalho. Vê-se, então, que a subjetividade só vai ser experimentada na singularidade irreduzível de uma incorporação de um corpo particular e de uma corporeidade absolutamente única.

“[...] a psicodinâmica do trabalho defende a hipótese segundo a qual o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no mundo objetivo; o trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada; trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma; trabalhar não é somente produzir; é também transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar.” (Dejours, 2004, p. 30).

A escolha da profissão do trabalhador em questão se deu, principalmente, pela necessidade de ter um trabalho para seu sustento e de sua família, e não por um desejo de seguir essa carreira – pelo fato de o entrevistado ter um nível de baixa escolaridade. Mesmo que no passado tenha sido uma escolha por necessidade e não por desejo, hoje o trabalhador apresenta grande satisfação com a mesma.

Durante o acompanhamento de seu trabalho e durante a entrevista, percebe-se em sua fala o orgulho que sente pela profissão, apesar de todas as dificuldades que esta lhe traz, como as complicações sérias na coluna. Toda sua família trabalhava nesse mesmo ramo, assim, o trabalhador entrevistado seguiu a tradição da sua família e hoje seu filho também trabalha com ele.

Conclusão

Através desta oportunidade de entrevista com o trabalhador, obteve-se, por um lado, uma visão de um trabalhador satisfeito em sua função, gerador de mais empregos e orgulhoso de poder transmitir a outros de sua geração um trabalho digno; e, por outro, evidenciar um mercado de trabalho informal que está em intensa disseminação e afeta diretamente a economia do país.

Não apenas a economia do país, considerável parte dos trabalhadores informais, a exemplo do acompanhado, também se encontra prejudicada. São sujeitos que se encontram em estado vulnerável socialmente, já que não tem seus direitos garantidos e, além disso, correm risco de submeterem-se a exploração, já que – além da falta de oportunidade de trabalho melhor – têm, em suas costas, a necessidade de sustentar as famílias.

Pode-se concluir que o trabalho é muito além do que uma atividade realizada diariamente por um sujeito. Ele também é construtor de identidade, ou seja, construtor da subjetividade de cada um. É a partir da nossa atividade de trabalho que conseguimos satisfazer nossas necessidades. Segundo Marx (1985), é como se o trabalho fizesse parte do ser humano e o mundo não existiria sem ele.

Referências bibliográficas:

Bernardino, Débora Cristina de Almeida Mariano; Andrade, Marilda. *O Trabalho Informal e as Repercussões para a Saúde do Trabalhador: Uma Revisão Integrativa*. Revista de Enfermagem Referencia: Coimbra, v. serIV, n.7, p.149-158, dez.2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=5087402832015000700016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.12707/RIV14049>.

Correa, Rosilda O. e Lopes, Janete L. (org.). *Mercado de Trabalho Informal: um comparativo entre Brasil e Paraná numa trajetória de "10"anos*. Fecilcam, outubro de 2009.

Cruz, Cleide A. B. da. *O desenvolvimento do mercado informal como elemento de geração de novos empreendedores*. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.7, n.4, Pub.1, Outubro 2014.

Dejours, Christophe. *Subjetividade, trabalho e ação*. *Prod.*, Dez 2004, vol.14, no.3, p.27-34.

DICIONÁRIO Michaelis. Editora Melhoramentos, 2016.

Marx, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v. 1, t. 1. (Os economistas).

Mendes, A.M; Araújo, L.K.R. *Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação*. Curitiba: Juruá, 2012.

Informações pessoais das autoras:

Ana Carolina Andres; acadêmica do 8º nível do curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo, Brasil.

Gabriela Filippio da Silva; acadêmica do 8º nível do curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo, Brasil.

Kenia Becker Guimarães; acadêmica do 8º nível do curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo, Brasil.

RÁDIO NO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL: QUE FRONTEIRA É ESTA?

Por: Vera Lucia Spacil Raddatz (Dr^a) e Daniella Rigodanzo Koslowski



O objetivo deste artigo busca resgatar a história do rádio regional, preservar sua memória e compreender quais são os traços da identidade e o papel do rádio na fronteira noroeste do Rio Grande do Sul no Brasil.

Rádio: características regionais

O rádio é um dos principais canais de divulgação de informações e como elemento dinamizador da cultura, tem a importante função de propagar conteúdo que reflete a variação de identidades dentro de uma mesma sociedade. Para (Emilio Prado, 1985: 31), "o rádio se comunica com um público heterogêneo, composto pelos diversos escalões socioculturais e, conseqüentemente, com diferentes níveis de compreensão".

Pelo fato de ser midiático, instiga os ouvintes a pensarem a respeito do que está ocorrendo no mundo ou em sua comunidade. Como explica (Guindani e Martins, 2015:168):

Não obstante, na crescente informatização e digitalização proporcionada pela Internet, o rádio atualiza-se e se complexifica, atuando como um

fundamental meio de comunicação acessível a público cada vez mais amplo – agora também virtual -, mas, sobretudo, acessível a um público em que a oralidade é privilegiada, devido ao não acesso às redes digitais, como é a situação de muitas regiões consideradas rurais e como é o caso das regiões fronteiriças, distantes das capitais.

Ao pesquisar o rádio dentro da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, percebe-se a sua proximidade com a linha de fronteira argentina caracterizada por uma cultura semelhante, que se torna mais conhecida à medida que se amplia o convívio social. Observa-se que as características do rádio, como a instantaneidade, a linguagem simples e objetiva, a oralidade e a proximidade com o público, facilita a comunicação com os ouvintes.

A área que abrange a análise conta com 31 municípios. Dezenove, pertencem à região Fronteira Noroeste e onze à Noroeste Colonial. Deste total de municípios, 26 possuem emissoras de rádio, totalizando 44 rádios, sendo que as cidades de maior porte apresentam mais de três emissoras como é o caso de Ijuí (7) e Santa Rosa (5). A análise mostra que 33 rádios trabalham em frequência FM, e 11 em frequência AM. O perfil das emissoras varia entre comunitárias (24), comerciais (18) e educativas (2). Cinco municípios não têm rádios. Na região da Fronteira Noroeste são quatro os municípios sem comunicação radiofônica própria (Alecrim, Nova Candelária, Porto Mauá e Porto Vera Cruz) e na região Noroeste Colonial apenas um (Jóia) não possui rádio.

“O rádio é um dos principais canais de divulgação de informações e como elemento dinamizador da cultura, tem a importante função de propagar conteúdo que reflete a variação de identidades dentro de uma mesma sociedade.”

Comunicação e Fronteiras

A noção de fronteiras atualmente está bastante direcionada à ideia do fenômeno das migrações, em razão dos fluxos mundiais de pessoas que ocorrem não só em consequência da globalização, mas ultimamente em decorrência das lutas pela conquista de territórios marcados pela guerra e por conflitos ideológicos e religiosos. Mas não são a essas fronteiras que se faz referência neste texto e sim às fronteiras culturais em uma região em que a paz é preservada e em que se constroem relações de boa convivência entre vizinhos, mesmo que falem outra língua. A cultura de um e de outro são aceitas naturalmente, embora haja diferenças marcantes entre elas.

Manifestações culturais como as festas e eventos folclóricos e étnicos, que ocorrem nas cidades da região, são facilmente compreendidas dentro dessa mesma visão de identidade cultural fronteiriça, cujo elemento principal é justamente a multiculturalidade latino-americana, que carrega a história das mesclas étnicas e culturais da formação desta sociedade. A música está no rádio e é uma de suas principais expressões deste veículo de comunicação, considerado elemento identificador da cultura da fronteira noroeste é o gênero musical

denominado bandinhas ou bandanejo. E como o rádio não tem fronteiras, o som atravessa a geografia da região e acaba inspirando bandas da Argentina a produzirem músicas que se assemelham a este gênero.

As fronteiras caracterizadas como simbólicas fazem referência às representações coletivas dos homens que nelas habitam. Como cita (Pesavento, 2002: 36) no texto *Além das Fronteiras*, “[...] a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além”. Inserido como um conceito de mobilidade, a fronteira se encontra na história e se desenvolve através do tempo. Entendido como conceito narrado, a autora explica ainda que “a história é sempre um ser como, um discurso sobre um ter sido, na fronteira entre aquilo que teve lugar um dia e a representação que dele se constrói”.

Para compreender a fronteira sobre a qual se fala é preciso desprender-se da ideia de limite territorial. Não é a geografia que aqui importa, mas o desenho construído pelo movimento humano, pela sua expressão, pelo jeito de ser e viver, sua linguagem, seus sonhos, conflitos e ambiguidades. É a fronteira cultural que fala mais forte do que as divisões estabelecidas politicamente.

O geógrafo (Tito Carlos Machado de Oliveira, 2015: 15) apresenta uma definição sobre o deslocamento dos fronteirios entre um território e outro:

Cruzar as fronteiras algumas vezes ao ano é – ou pode ser – uma atitude de cosmopolitismo; mas cruzar a fronteira todos os dias, ou até várias vezes ao dia, é um ato de revolução. É necessário observar que as trocas corriqueiras no território fronteiriço são ditadas pela inclemência das necessidades orgânicas: comer, vestir, etc., e por preceitos intangíveis: desejo, amor, fazendo com que o ato de transgredir, violar, infringir, signifique, para a população fronteiriça, na maioria das vezes, o imperativo ato de sobreviver e/ou resistir; caso fosse diferente, perderia seu significado. Esse deslocamento cotidiano de transeuntes faz nascerem e se materializarem circuitos íntimos com minúsculos sistemas de redes interativas subversoras aos interesses das nações.

Em certos lugares é tão comum passar de um território para o outro que as pessoas se sentem parte desse ambiente peculiar, no qual só uma linha de fronteira pode apresentar.

Na orelha do livro Comunicação, Cultura e Fronteiras (Raddatz e Muller, 2015) o conceito de fronteiras claramente utilizado pelos cidadãos cercados por identidades e que habitam dois territórios aponta que ainda circula uma ideia pejorativa e estereotipada como o lugar do crime, desconsiderando a sua riqueza cultural e histórica. A comunicação é vital para os territórios da fronteira e para a formação de múltiplas identidades. (Karla Muller, 2015: 117), afirma que “hoje, temos a compreensão de que, assim como tratamos dos veículos de comunicação de forma plural, também as fronteiras devem ser vistas deste modo: nacionais e culturais. Ambas andam lado a lado e assim devem ser consideradas”.

A característica do pertencimento se faz presente nas ações e no espaço que cada cidadão ocupa e ao se deparar com os fronteirios, a afirmação de cada nacionalidade revigora. Um destaque que cabe as fronteiras é a língua falada. Pois, a mistura dos idiomas, a

exemplo do português e do espanhol, que dão lugar ao ‘portunhol’ facilita ainda mais o convívio no espaço fronteiriço.

O potencial dos meios de comunicação na sua mediação com a sociedade é muito importante, principalmente o do rádio. No início o intuito era fazer com que a população pudesse se informar, mas esse veículo de comunicação veio diminuir as distâncias e aproximar culturas e pessoas. As notícias são veiculadas no momento que ocorrem fatos, e por efeito da globalização o fluxo de novas informações cresce a um nível intensificado. Hoje, o rádio acompanha e se adapta às transformações tecnológicas a uma velocidade de internet.

A mídia radiofônica, televisiva e a internet contribuem para alterar comportamentos e criar novas realidades. A influência que estes meios exercem para além do seu redor, sinaliza o ciclo de transformação a que o ser humano está fadado no mundo contemporâneo. A pesquisadora (Daniela Ota, 2015: 181), ao se referir às fronteiras do centro-oeste brasileiro afirma que “o homem fronteiriço tem uma mentalidade tendente à integração, pois para ele as noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quando a ideia da existência de uma linha demarcatória que o separa do outro país”.

“No início o intuito era fazer com que a população pudesse se informar, mas esse veículo de comunicação veio diminuir as distâncias e aproximar culturas e pessoas.”

O rádio possui uma abrangência relativamente grande por ser um dos meios mais populares de comunicação, estar presente de forma expressiva nos lares, ter a portabilidade como uma de suas principais características e livre acesso à informação. Além de informar fatos do dia a dia, divertir os ouvintes com a programação musical e consequentemente contribuir para a formação dos cidadãos, o rádio torna-se importante na formação de identidades. O rádio exerce influência na organização da sociedade.

Conforme (Pesavento, 2002: 36) para entender a definição de fronteira é preciso levar em conta as semelhanças do processo para além do aspecto geopolítico reconhecendo que há uma referência imaginária: “[...] o conceito de fronteira trabalha, necessariamente, com princípios de reconhecimento que envolvem analogias, oposições e correspondências de igualdade, em um jogo permanente de interpenetração e conexões variadas.” Os elementos peculiares que compõem esse limite integram um espaço de complexidade no qual as identidades são múltiplas. Aqueles que nela habitam estão sempre em busca de novas compatibilidades.

Que fronteira é essa?

O Rio Grande do Sul possui uma área no total de 281 730,223 km², e faz fronteira com o Estado de Santa Catarina e outros dois países: Argentina e Uruguai. Ao pesquisar as rádios do Noroeste e Noroeste Colonial, percebe-se que apesar de estarem perto da área limítrofe e dentro da faixa de fronteira¹, as emissoras não demonstram sentimento de pertença a este território.

De acordo com a Lei 9.472/97, as rádios precisam ter a liberação de um canal de concessão concedida pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), para poder trabalhar legalmente. Porém, sabe-se que devido à falta de fiscalização constante, rádios clandestinas conseguem, na maioria das vezes,

atuar por um longo tempo. Os motivos pelas quais há estas rádios livres se dá pelo baixo custo do aparelho transmissor e pelo alto custo das concessões governamentais.

A Rádio Noroeste e a Guaíra que pertencem ao mesmo grupo de comunicação do Jornal Noroeste de Santa Rosa também têm uma boa entrada de programação no lado argentino, a julgar pela quantidade de participações por torpedo e mensagens com pedidos musicais. (Jardel Hillesheim, 2016)², repórter e redator destas empresas de comunicação explica que os argentinos pedem muita música brasileira: “Aqui na nossa região nós temos muito forte a música de banda, eles adoram a música de banda, a bandinha que a gente chama”. Ele conta que quando ocorrem shows nas festas regionais, os argentinos são atraídos por essa programação e atravessam a fronteira.

O gerente da Rádio Noroeste AM, (Zelindo Cancian, 2016)³ destaca que embora não exista nenhuma relação comercial ou publicitária com empresas argentinas, verifica-se a grande audiência da rádio na região vizinha: “hoje não existe mais distância, a rádio vai até lá, e pelos aplicativos que temos e a internet, você vai a mundo afora. Mas o que nós temos com relação a Argentina é a audiência extraordinária”.

As emissoras de Santa Rosa estão mais próximas da linha de fronteira com a Argentina do que as de outros municípios da região Noroeste do Rio Grande do Sul, dentro da faixa dos 150 km que correspondem legalmente aos territórios de fronteira.

Ao pesquisar as rádios da Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul percebe-se a dimensão e a importância que o rádio tem para a região, contrariando afirmações que apontam que a audiência do rádio estaria morrendo. Entretanto, o que a pesquisa com as rádios do noroeste aponta é que em regiões de interior como esta, o rádio ainda continua sendo o velho rádio em muitas situações, no que diz respeito ao seu papel na comunidade, ou seja, como um mediador das

questões que a ela interessam. Mesmo com as novas tecnologias que colaboram para esta inserção, o rádio não fica atrás de outros veículos, apesar de ser um dos mais antigos meios de comunicação. Devido ao alto interesse da população e o comprometimento das emissoras ao informar o seu público, entende-se que este veículo é indispensável à vida da região e como muitos dos entrevistados disseram, sempre será.

Esta pesquisa revelou-se uma experiência importante para perceber o papel do rádio na região estudada, a partir do resgate de informações antigas pela memória de radialistas, locutores e diretores. Desse modo, é plausível a concepção que se tem de como o rádio continua importante para a articulação das regiões do interior como na fronteira noroeste do Rio Grande do Sul.

Referências bibliográficas

Guindani, J. F.; Matins, T. C.. (2015). *Implicações (I)legais da radiodifusão na fronteira São Borja (BRA) e Santo Tomé (ARG): o caso da Rádio Aurora FM*. - In: Raddatz-Muller. Comunicação, Cultura e Fronteiras. Ijuí: Editora Unijuí.

Muller, K. M. (2015) *Mídia local fronteira: do impresso ao online*. - In: Raddatz-Muller. Comunicação, Cultura e Fronteiras. Ijuí: Editora Unijuí.

Mcluhan, M. (2001) *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. - In: Ferraretto, L. A. Rádio – O Veículo, a História e a Técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto.

Oliveira, T. C. M. (2015) *Fronteiras de Comunicação: movimentos, sentidos e semblantes*. -In: Ota. Radiojornalismo na fronteira: especificidades na produção e disseminação do conteúdo jornalístico. - In: Raddatz-Muller. Comunicação, Cultura e Fronteiras. Ijuí: Editora Unijuí.

Pesavento, S. J. (2002) *Além das fronteiras*. - In: Martins (Org.). Fronteiras culturais. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Prado, E. (1985) *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo: Summus Editorial.

Raddatz, V. L. S.; Muller, K. M. (2015) *Comunicação, Cultura e Fronteiras*. Ijuí: Editora Unijuí.

Notas de Rodapé:

¹ Raio de 150km do limite do outro país

² Entrevista pessoal concedida em Santa Rosa, em 16 de março de 2016.

³ Entrevista pessoal concedida em Santa Rosa, em 16 de março de 2016.

Informações pessoais:

Daniella Rigodanzo Koslowski: Acadêmica do 5º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ; Ex-bolsista de Pesquisa Científica do Projeto Fronteiras: a identidade fronteira nas ondas do rádio. E-mail: daniellarigo@hotmail.com

Vera Lucia Spacil Raddatz: Drª em Comunicação e Informação; Professora dos Cursos de Jornalismo e do Mestrado em Direitos Humanos da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul; Cordenadora do Projeto Fronteiras – a identidade fronteira nas ondas do rádio. E-mail: verar@unijui.edu.br

RELAÇÕES PORTUGAL-BRASIL: UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO

Dinameire Oliveira Carneiro Rios
Universidade Federal da Bahia/Universidade do Porto/CAPES



Breve introdução

Surgido a partir do romance histórico scottiano, que ganhou popularidade no século XIX, conforme afirma Luckás em seu estudo *O romance histórico*, o novo romance histórico reúne narrativas que possuem o objetivo de reescrever os fatos históricos através do discurso ficcional, moldando uma constituição identitária que considera traços culturais, sociais e políticos diversos e que ganhou grande popularidade em países latinos que sofreram com o processo de colonização. Esse tipo de romance visa desconstruir ou retificar as versões da história oficial por meio de mecanismos discursivos como a paródia e o pastiche. São narrativas comprovam o quanto o discurso histórico pode ser dominado pela falta de neutralidade e o como os fenômenos podem ser alterados ou mesmo falsificados por meio da linguagem.

A partir desse tipo de romance, vozes outrora silenciadas por versões historiográficas amplamente difundidas e conhecidas passam a se inscrever na história como parte ativa e significativa dela, num processo de revisão em que eventos históricos começam a ser relidos e reordenados dentro de padrões despidos de convenções arcaicas e segregacionistas. Mulheres, negros, homossexuais, por exemplo, passam a ocupar um espaço outrora extraído devido a interesses históricos regidos por

valores hegemônicos e falocêntricos que expurgavam para a margem qualquer discurso que se assemelhasse a uma ameaça à ordem social imposta.

É sobre estes personagens que o romance histórico produzido a partir da segunda metade do século XX passa a se centrar. As narrativas trazem à tona diferentes alteridades outrora silenciadas, possibilitando a construção de um discurso erigido não somente sobre,

mas também por esses sujeitos historicamente excluídos. Nesse sentido, é significativa a quantidade de romances que vem sendo produzida com o intuito de reconstruir os fatos históricos destacando neles a importância da atuação feminina, menosprezada pelas versões oficiais. Produzidos principalmente por escritoras, esses romances põem em cena personagens femininas que questionam os estereótipos dados às mulheres no decorrer da história, relevando o autoritarismo, a subordinação e a invisibilidade acerca do sexo feminino durante o processo histórico.

Representações femininas em Desmundo e A Árvore das palavras

Os romances que tomamos como referência para analisar a construção das personagens femininas em momentos históricos específicos são *Desmundo* (1996), da escritora brasileira Ana Miranda, e *A Árvore das palavras* (1997), da escritora portuguesa Teolinda Gersão. Nestes dois romances é possível afirmar que a representação feminina é construída a partir de uma perspectiva desestabilizadora em relação aos estereótipos apresentados ao longo da história, instaurando novos significados acerca do papel mulher em eventos históricos importantes. Além da autoria e do protagonismo feminino, entrecorta as duas narrativas uma forte ligação entre as histórias do Brasil e de Moçambique com a respectiva metrópole, uma vez que as tramas se desenvolvem durante o período colonial dessas nações, ainda que em momentos opostos: *Desmundo* enquanto Portugal instaurava as primeiras tentativas de colonizar o Brasil e a *A Árvore das palavras* nos anos anteriores à luta do povo moçambicano para livrar-se do domínio luso até o ano da deflagração da Guerra colonial.

Desmundo é narrado em primeira pessoa por Oribela, uma das seis jovens orfãs enviadas pela rainha de Portugal à nova terra descoberta para estabelecerem casamento com os homens portugueses que lá residiam. O romance põe em cena as relações entre nativos

e colonos, relevando em primeiro plano o olhar machista e patriarcal incidido sobre a mulher naquela conjuntura social. Na narrativa em forma de diário da jovem Oribela, o leitor acompanha, como numa câmera subjetiva, os passos da personagem, os olhares a ela lançados, assim como as imposições sociais destinadas à mulher à época. Neste sentido é salutar perceber as primeiras impressões sentidas pela orfã ao aportar na terra que “possuía nome de um pau”: “fôramos cargas de azêmola, boceta de marmelada, alguidar de mel sendo eles pontas de arnelas, canas agudas, flechas de arcos, espadas de pau tostado, lanças de arremeso, ferrões, açoites [...]” (MIRANDA, 2003: 25), revelando a função a que se destinavam as jovens e denunciando a contundência fálica da ação agressiva e impositiva do homem sobre a mulher.

Assim que chegam ao Novo Mundo, as órfãs são preparadas para o destino ao qual havia determinado a rainha e, sob a égide do Catolicismo, são instruídas por padres e pela personagem Velha dentro da cartilha patriarcal, conforme o que era esperado da mulher dentro do matrimônio, ou seja, meros objetos de posse e meios de procriação que deveriam abster-se do prazer e mostrar submissão aos homens (fossem pais, irmãos ou maridos), segundo explicita a fala da personagem Velha:

Ora ouvi, filhas minhas. Aquela que chamar de vadio seu homem deve jurar que o disse em um

“ A partir desse tipo de romance, vozes outrora silenciadas (...) passam a se inscrever na história como parte ativa e significativa dela. ”

acesso de cólera, nunca mais deixar os cabelos soltos, mas atados, seja em turbante, seja trançado, não morder o beijo, que é sinal de cólera, nem fungar com força, que é desconfiança, nem afilar o nariz, que é desdém e nem encher as bochechas de vento como a si dando realeza, nem alevantar os ombros em indiferença e nem olhar para o céu que é recordação, nem punho cerrado, que é ameaça. Tampouco a mão torcer, que é despeito. Nem pá pá nem lari lará (MIRANDA, 2003: 67).

Contrariando as convenções e os perigos a que estava sujeita, a personagem-narradora do romance de Miranda constrói-se através de postura de resistência e inquietação, uma vez que ousa transgredir e demonstrar sua insatisfação frente ao modelo social imposto. Oribela revela a sua indignação por meio de atos, palavras e da própria escrita, já que o romance aproxima-se de uma espécie de diário em que personagem externava sua visão e insatisfação sobre o que a cercava. A personagem mirandina, ainda que dominada pelas crenças religiosas semeadas na vida que levava em um convento onde viveu Portugal após a morte dos pais, não aceita de modo passivo o destino que lhe foi desenhado: “E disse eu, ora, hei, hei, não é melhor morrer a ferro que viver com tantas cautelas?” (MIRANDA, 2003: 67). Os castigos vários de que é vítima ao longo de sua trajetória, inicialmente impostos pelo pai, em seguida por um padre, e posteriormente pelo homem com quem acaba forçadamente se casando, são postos, então, como maneiras de conter seu temperamento arredo e sua personalidade insubmissa.

“ A personagem-narradora do romance de Miranda constrói-se através de postura de resistência e inquietação, uma vez que ousa transgredir e demonstrar sua insatisfação frente ao modelo social imposto. ”

Porém, ao conviver dentro de um contexto machista e patriarcal de tantas imposições e proibições para a mulher, a narradora questiona as fronteiras entre o mundo feminino e o masculino, emergindo como uma figura que destoa da construção estereotipada da mulher colonial submissa e passiva. Oribela tenta desvencilhar-se do destino que lhe foi preparado, enfrentando os perigos desconhecidos da nova terra em busca não somente de regressar

à terra natal, mas também de autoconhecimento e da conquista de uma vida escolhida a partir de seus próprios desejos, e não do que socialmente lhe era imposto.

Ao apresentar uma personagem com esse perfil destemido e questionador frente ao que era relegado para o mulher naquele contexto, o romance de Miranda apresenta pontos de contato com a narrativa de Teolinda Gersão, *A Árvore das palavras*. A narrativa de Gersão remonta a relação de Portugal e Moçambique antes e durante o processo de descolonização e, dentro de uma tendência recorrente da produção portuguesa contemporânea de viés histórico, centra a narrativa na ótica feminina para revelar o cotidiano da capital Lourenço Marques durante as décadas de 1940 até o início de 1960 e a relação com a metrópole no processo em prol da independência. Conhecemos o cotidiano da cidade a partir da infância e da adolescência da protagonista Gita, que guia o leitor através de sua subjetividade em duas das três partes em que o romance é dividido. Na primeira parte, tecida pelo fio da memória da narradora-personagem, é possível acompanhar as relações que ela estabelece com o espaço a seu redor e observar de que modo o contato com as pessoas do seu convívio é preponderante para a constituição

da sua identidade, que se desenvolve concomitante ao próprio processo de reelaboração identitária da nação moçambicana.

O modo como o romance é iniciado faz com que o leitor mergulhe de imediato nas memórias mais fecundas da infância da narradora, que nos conduz ao quintal da casa, espaço simbólico de sua ligação com a terra-mãe e que suscita lembranças cheias de lirismo e frequentemente acompanhadas da presença de Lóia, outrora a sua ama-de-leite e empregada da casa. Perfil comum nas produções de Teolinda Gersão, também em *A Árvore das Palavras* quase toda a história do romance se constrói a partir da ótica feminina, porém são visões que divergem quando se trata dos juízos de valor sobre o lugar e as pessoas que nele vivem. Isso porque Gita não consegue partilhar das ideias da mãe, Amélia, e estabelece uma forte ligação maternal com Lóia, relação significativa para compreender alguns comportamentos da protagonista ao longo do romance.

Ao construir uma narrativa em que a história da nação moçambicana é metaforizada, Gersão molda a casa preta como símbolo do pertencimento de Gita à Moçambique, pois representa os seus sons, cores e cheiros característicos, e, embora contrariando as vontades de Amélia, era esse espaço o preferido pela protagonista. O oposto disso está na casa branca, preferida por Amélia, que foi atraída para Moçambique devido a um anúncio de jornal em que um rapaz oferecia matrimônio. A mãe de Gita, sem conseguir adequar-se ao lugar ou fixar ali suas marcas identitárias, evitava se contaminar com as influências do espaço que a cercava, ainda que se tratasse do quintal da casa onde morava. Sua amargura, que se estende pela casa branca, e o seu não-pertencimento à classe branca rica do lugar fazem com que ela também não consiga estabelecer laços com a própria família.

Dentre as três partes em que se divide o romance, é na primeira que conhecemos como se deu a infância de Gita na cidade de Lourenço Marques, mas não se trata de uma narrativa permeada por ações ou peripécias, pois o que se sobressai é o olhar terno e lírico da personagem em relação ao lugar. Esse aspecto do romance se aproxima do que Marlise Vaz Bridi Ambrogi (1981), chamou de estreiteza da fábula e que pode ser pensado como abandono do enredo guiado por ações para priorizar uma visão mais introspectiva e mais humanizadora dos personagens e suas formas de relação com o Outro e com o espaço.

O modo como Gita debruça-se sobre cada um dos espaços que marcaram a sua infância é significativo para compreender o seu processo de construção identitária ainda na fase da infância. Dividida entre a casa branca, de Amélia, a mãe, e a casa preta, onde residia Lóia, a ama-de-leite, é notável a ligação que a personagem estabelece com a segunda, caracterizada logo na abertura do romance:

Ao quintal chegava-se através da porta estreita da cozinha. E se é verdade que a cozinha era escura, nem por isso deixavam de ver os objectos, as panelas de alumínio e as gordas caçarolas, os púcaros e as tijelas de esmalte, o fogão esbranquiçado, de bocas de latão, a grande mesa com tampo de pedra onde havia sempre alguma louça esquecida. Mas sobre isso passava-se largo, sem realmente olhar, corria-se em direção ao quintal, como se se fosse sugado pela luz, cambaleava-se, transpondo a porta, porque se ficava cego por instantes, apenas o cheiro e o calor nos guiavam, nos primeiros passos – o cheiro da terra, a erva, a fruta demasiado madura – chegando até nós no vento morno, como um bafo de animal vivo (GERSÃO, 2004: 9).

A casa preta é uma metonímia para a ligação que Gita estabelece com o próprio país, e o quintal, extensão da casa, era o espaço onde a personagem encontrava suas raízes, reforçadas pela presença do pai que, assim como ela, vê-se distante do amargor que caracterizava a casa branca. Em contrapartida, é essa ligação que Amélia, sempre reclusa na casa branca, parece a todo tempo recusar, pois segundo

Gita, a mãe rotineiramente desejava manter-se distante daquele jardim, que pode ser pensado metonimicamente como o próprio espaço pátrio moçambicano: “Estava lá e cercava-nos, e ou se era parte dele, ou não se era. Amélia não era. Ou não queria ser. Por isso não desistia de o domesticar. Quero isto varrido, dizia ela a Lóia. Nenhuma casa de fruta podia ser abandonada, nenhum caroço deitado no chão. (GERSÃO, 2004: 10).

A rejeição de Amélia em relação ao que figurasse como símbolo da cultura africana é claramente compreendida na segunda parte do romance, quando um narrador em terceira pessoa leva o leitor a conhecer a história dessa personagem e os motivos que a levaram até Moçambique. Na juventude, quando ainda residia em Portugal, Amélia, que era órfã, acabou abandonada pelo namorado, Quim, que a trocou por outra moça, destituindo-a da possibilidade do casamento e de livrar da indiferença da madrinha, com quem morava. O desajuste por viver de favor se estende também ao próprio espaço da terra natal, Portugal, onde se sentia excluída. A possibilidade de mudar de vida veio num jornal que embrulhava os sapatos do tio Alfredo, encontrado acidentalmente, numa casa onde não se lia jornais, e onde pode ler o seguinte anúncio: “Cavalheiro, solteiro, trabalhador e de bons sentimentos, 30 anos, residente em Moçambique, procura menina honesta até 25 anos, para fins matrimoniais.”(GERSÃO, 2004: 90).

Mais por teimosia e para causar ciúmes em Quim, Amélia responde ao anúncio, sem acreditar que aquilo pudesse se transformar em algo sério. Porém, é a total indiferença do antigo namorado e as investidas da tia para livrar-se dela que determinam o destino de Amélia, mudar-se de Portugal para estabelecer matrimônio com Laureano em Moçambique.

Foram as imposições do destino que fizeram de Amélia uma mulher amarga e desterritorializada, não se sentindo parte de Portugal, mas negando qualquer tipo de pertencimento às terras moçambicanas. Assim, sua vida se reduz

quase sempre ao interior da casa e ao trabalho da costura, numa luta constante para tentar tecer sua própria história que, incompleta, ela tenta preencher com uma nova vida, agora na Austrália e com um novo marido, conforme narra Gita na terceira parte do romance. A imagem da mãe permanece, então, como uma imagem desfocada: “E também eu contei a partida de Amélia, três anos antes. Embora me fosse difícil falar disso, porque ela tinha deixado de ser uma imagem nítida. Era um vulto em fuga, que depois não podia voltar atrás”. (GERSÃO, 2004: 149).

Além do lirismo que permeia parte significativa da narrativa, há uma preocupação em recriar os anos finais da dominação moçambicana ao jugo português e é nesse contexto que se sobressai o aspecto histórico do livro. Na parte final do romance vemos recontada, a partir do olhar atento e militante de Gita, a luta do povo de Moçambique em prol da independência política. Ao assumir o foco narrativo, Gita não somente revela as suas descobertas sobre as contradições políticas e sociais que pairavam sobre a África, como também mergulha em uma viagem de autoconhecimento e aceitação identitária.

“ Além do lirismo que permeia parte significativa da narrativa, há uma preocupação em recriar os anos finais da dominação moçambicana ao jugo português e é nesse contexto que se sobressai o aspecto histórico do livro. ”

É desse modo que os dois romances em questão visitam a história de cada uma das respectivas nações para, através da reconstrução de fatos importantes do passado, colocarem em cena o discurso feminino, esquecido e marginalizado nas versões históricas amplamente conhecidas. Isso contribui para legitimá-lo como parte de uma construção histórica que, mesmo distante e fragmentada, apenas pode ser autorizada como tal ao possibilitar que as diversas vozes que compõem o passado possam ser recuperadas, e, quem sabe assim, seja possível acessar a história o mais próximo possível do que foram os acontecimentos.

Referências bibliográficas

AMBROGI, Marlise Vaz Brigi. (1981). *A sugestão metafórica na obra ficcional de José Cardoso Pires*. 1981. 165 f. Tese doutorado (Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.

GERSÃO, Teolinda. (2004). *A árvore das palavras*. São Paulo: Planeta do Brasil.

LUKÁCS, György. (2011). *O romance histórico*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo.

MIRANDA, Ana. (2003). *Desmundo*. São Paulo: Cia. das Letras.

Nota Biográfica

Dinameire Oliveira Carneiro Rios faz Doutorado em Literatura e Cultura, na Universidade Federal da Bahia, onde desenvolve pesquisa relacionada a romances históricos produzidos por mulheres, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia e orientação do professor Dr. Décio Torres Cruz.

Atualmente é estudante de Doutorado Sanduíche no Instituto de Literatura Comparada, da Universidade do Porto, sob a orientação da professora Dra. Ana Paula Coutinho Mendes e com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES.

O DESENVOLVIMENTO DO CRIME ORGANIZADO NO BRASIL

Keli das Chagas Medeiros

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ



Resumo: Neste artigo promove-se uma reflexão sobre a origem e o desenvolvimento do crime organizado no Brasil, tendo em vista a forma de organização e atuação dos grupos criminais na sociedade. O que se deseja com o artigo é fomentar a pesquisa e o debate quanto ao surgimento, crescimento e ampliação do crime organizado. Por fim, pretende-se constatar o papel do Estado na proteção dos cidadãos frente a essas organizações criminosas e examinar a atuação dos poderes Judiciário e Legislativo no combate a esses grupos.

Palavras chave: Crescimento; Grupos Criminais; Origem; Responsabilidade Estatal.

1. Considerações iniciais

Neste artigo, busca-se fazer um estudo sobre as origens e sobre o desenvolvimento e a ampliação do crime organizado no Brasil. Bem como, entender a atuação do estado brasileiro e suas medidas para a contenção das organizações criminosas.

A metodologia utilizada na escrita do presente artigo é baseada em revisão teórica bibliográfica, aliada a pesquisas de dados, valendo-se da

ferramenta internet, com suas respectivas fontes citadas nas referências bibliográficas ao final do trabalho.

Nas considerações finais, constata-se as ideias principais elaboradas a partir das pesquisas realizadas, bem como a conclusão que se chegou acerca do tema exposto.

2. Desenvolvimento

A origem do crime organizado no Brasil é controversa. Para Eduardo Araújo Silva (2003, p. 25, apud Oliveira Filho 2012, p. 13), o marco inicial das organizações criminosas seria o momento de transição do Brasil colônia para o império, agravando-se com a instalação da República. Neste período começava um movimento muito conhecido pelos brasileiros como "cangaço", cuja ação ocorreu no sertão nordestino no final do século XIX, perdurando por cerca de 40 anos, sendo considerado pelo autor como o antecedente primário do crime organizado pátrio.

O cangaço iniciou como um movimento social no qual a população pobre e oprimida, que vivia no interior do sertão, em péssimas condições econômicas, lutava contra um sistema que praticamente os escravizava. Nesse meio surgiram os cangaceiros, denominados como políticos, supostamente, os primeiros a formarem um grupo criminoso organizado. Dentre suas "atividades", saqueavam fazendas, sequestravam pessoas, cometiam roubos de todos os tipos, mas sua particularidade era possuir uma ligação corrupta com a polícia brasileira e com pessoas influentes à época. Além disso, existiam os cangaceiros nomeados "independentes" ou "jagunços", que era um grupo criminoso que ficou conhecido por usar muita violência na prática de seus delitos.

“Esses homens apesar de violentos, eram vistos como “justiceiros”, podendo ser comparados ao herói mítico Robin Hood em um contexto nordestino.”

Mas o que significa a expressão cangaço? Na sabedoria popular o termo cangaço é uma alusão a palavra "canga", que é um utensílio feito de madeira e utilizado em bois para transporte de objetos pesados. As pessoas que participaram deste fenômeno brasileiro eram chamadas de cangaceiros, pois, carregavam objetos consigo, presos em seus trajes, inclusive armas.

O cangaço atualmente possui dois distintos aspectos: juridicamente é visto como o nascimento do crime organizado, com seus grupos que cometiam diversos tipos de delitos e, ademais, por conhecerem bem a região da Caatinga no nordeste brasileiro, contavam com a sensação de impunidade; em seu segundo aspecto, o cangaço seria concebido como uma revolta social, porquanto, para a sociedade nordestina, que sofria com a ordem autoritária de coronéis e vivia em extrema desigualdade e pobreza, esses homens apesar de violentos, eram vistos como "justiceiros",

podendo ser comparados ao herói mítico *Robin Hood* em um contexto nordestino.

O mais famoso líder cangaceiro foi Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como "Lampião". O cangaço, já foi de várias vezes citado na literatura e cinema brasileiros, como no livro de João Guimarães da Rosa, *O Grande Sertão Veredas*, escrito em 1956 e na telenovela *Cordel Encantado*, produzida pela emissora Rede Globo em 2011.

O autor Araújo Silva (2003, p. 25 apud Oliveira Filho 2012, p. 13) menciona, ainda, como a primeira infração criminal praticada organizadamente no Brasil, nascida no período imperial, o "jogo do bicho", cuja criação é atribuída ao Barão João Batista Viana Drummond. Esta contravenção criminal, que começou no país no século XX, nada mais é do que a realização de apostas em dinheiro, em um determinado número, onde no fim do dia é feito um sorteio e realizado o pagamento para o apostador vencedor.

De acordo com o doutor em história, Antonio Paulo Benatte (História Viva, 2008), o Barão de Drummond possuía alguns animais importados de Portugal e, em 1888, decidiu criar o primeiro Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, na Vila Isabel. Com o fim do império através da proclamação da República em 15 de novembro de 1889, o jardim perdeu a ajuda financeira que vinha do imperador. Em 1892, para ajudar a manter as atividades de seu empreendimento, o Barão abriu uma loteria, onde, na compra de um ingresso para o zoológico, se tinha direito a um número, sendo que cada número representava um animal, e no fim do dia era realizado o sorteio do “bicho do dia”. Metade do dinheiro arrecadado ia para o apostador e a outra metade financiava a compra de mais animais para o zoológico. No mesmo ano, cerca de duas semanas depois do início do jogo, o mesmo foi concebido como jogo de azar e proibido; no entanto, a ideia tornou-se popular. A prática, gerenciada por grupos organizados, se espalhou pelas demais regiões do Brasil.

No decorrer da história brasileira surgiram duas principais facções intituladas; Comando Vermelho e Primeiro Comando da Capital. As cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, nas décadas de 70 e 90 respectivamente, marcaram o início do crime organizado nacional. As duas facções criaram raízes dentro da comunidade local e administram negócios ilegais dos mais variados gêneros, tráfico de drogas e armas, extorsão e corrupção são os mais comuns.

O Comando Vermelho, também conhecido como CV, foi criado na década de 1970 por Rogério Meritello Lemgruber, junto ao Instituto Penal Cândido Mendes, ou prisão de Ilha Grande, em Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro. Esta facção é tida como a mais antiga organização criminosa do Brasil e também a mais conhecida. Sobre o CV, Antonio Carlos Lipinski (2004, p. 17) afirma:

No Brasil, quando falamos em crime organizado, lembramos do Comando Vermelho. Esta Organização Criminosa foi criada no Rio de Janeiro na década de 70, onde seus líderes comandavam a distribuição de drogas nas favelas do Rio de Janeiro, assaltos a bancos e outras práticas. Muitos líderes foram mortos, outros presos, a estrutura foi se expandindo em todos os locais, meios, classes sociais, e ainda permanece.

Seu estopim foi no período do regime militar, em que presos comuns dividiram suas celas com presos políticos. Estes últimos, por sua vez, pertenciam a Falange Vermelha, o que permitiu aos presos comuns literalmente receberem ensinamentos sobre organização, estrutura hierárquica, ações de proteção e confronto ao sistema estatal.

Em 1980, aqueles presos “alunos”, em sua maioria, foram soltos e, assim, nas ruas do Rio de Janeiro colocaram em prática aquilo que aprenderam com seus “mestres” no tempo de encarceramento. Já em 1990, as principais linhas de atuação do CV eram o tráfico de drogas e de armas, comandando quase todas as favelas da Cidade do Rio de Janeiro, inclusive a maior da América do Sul, chamada Favela da Rocinha. Durante muito tempo o CV foi a mais forte facção criminosa do Brasil, porém vem

perdendo poder e território para outras facções criminosas e sofrendo com a atuação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) do estado do Rio de Janeiro. Oliveira Filho (2012, p. 17).

A organização criminosa Primeiro Comando da Capital, ou PCC, foi fundada em 31 de agosto de 1993 a partir de um time de futebol na Casa de Custódia e Tratamento “Dr. Arnaldo Amado Ferreira” de Taubaté, vulgo “Piranhão”, para

“ As cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, nas décadas de 70 e 90 respectivamente, marcaram o início do crime organizado nacional. ”

onde eram enviados os presos de alta periculosidade. O lema do PCC era “liberdade, justiça e paz” e o principal objetivo da organização seria lutar contra a opressão sofrida no sistema carcerário, tendo em vista o marcante episódio conhecido como “massacre do Carandiru” (onde em 02 de outubro de 1992, depois de uma briga de presidiários na Casa de Detenção de São Paulo, uma intervenção militar deixou 111 presos mortos). Com relação ao que foi dito, Amorim (2005, p. 375) afirma:

Foi rápido: nas rebeliões, lençóis brancos apareciam com as três letras (PCC) do partido do crime. Subestimado pelo governo, que não conhece a realidade das cadeias, o PCC criou raízes em todo o sistema carcerário paulista. Nas prisões, diretores ultrapassados, da época da repressão, tentavam resolver o problema da maneira em que foram doutrinados: porretes, choques, água fria, porrada... Não foi suficiente. Em menos de três anos, já eram três mil. Em menos de dez anos, 40 mil...

O PCC se tornou popular ao coordenar por meio de seu líder Idemir Carlos Ambrósio, ou “Sombra”, a maior rebelião prisional do mundo, que aconteceu em 18 de fevereiro de 2001 e abrangeu 29 presídios em ação simultânea e mais de 28 mil presos. O motivo primário teria sido a remoção de alguns líderes da organização para outras penitenciárias no interior do estado de São Paulo. Convém citar que após cinco meses da supracitada rebelião, Sombra foi morto por cinco presidiários em um confronto pela liderança do PCC.

Quem assume o poder logo após a morte de Sombra, são os também fundadores José Márcio Felício, o “Geleirão” e Cezar Augusto Roriz, comumente chamado de “Cezinha”. No ano de 2002, alguns participantes que não concordavam com as ações de seus atuais líderes, assumiram o controle da organização e nomearam Marcos Willians Herbas Camacho, “Marcola” como novo dirigente do PCC, que foi preso no ano de 1999 no presídio de segurança máxima em Presidente Venceslau.

No final da década de 1990, sob o comando de Geleirão e Cezinha, o PCC teria se aliado com o

CV. Em junho de 2016, depois de quase duas décadas de coligação e após a morte do então líder do CV, o narcotraficante Jorge Rafaat, ordenada pelo PCC, as duas organizações entraram em guerra. A situação se agravou em janeiro de 2017, com a transferência de membros importantes do PCC para outras prisões no interior do país.

“ Ao estudar o crime organizado e como ele funciona no Brasil, (...) é possível constatar a atuação do estado no enfrentamento das organizações criminosas, entretanto o meio utilizado é inócuo e só incentiva mais retaliação. ”

Ambas as facções lutam pelo comando das fronteiras brasileiras e pelos pontos de venda de drogas e de armas, realizando alianças com outras 27 facções brasileiras. “Com um exército de 10 mil homens, 7 mil em prisões e 3 mil nas ruas, o PCC tornou-se a principal facção criminosa do Brasil e movimentada, segundo o MPE, 40 toneladas de cocaína e R\$ 200 milhões de reais por ano.” (Época Negócios, 2017).

Ao estudar o crime organizado e como ele funciona no Brasil, desde a formação dos primeiros grupos com o cangaço até as facções atuais como o CV e o PCC, é possível constatar a atuação do estado no enfrentamento das organizações criminosas, entretanto o meio utilizado é inócuo e só incentiva mais retaliação. O governo por vezes têm empregado a violência como resposta aos delitos dos grupos criminosos, dispondo da força ostensiva da

polícia. Então o estado falha, pois as penitenciárias não são o fim de atos infracionais, mas o começo de novos delitos, desta vez mais elaborados.

Contra esse problema e para controlar as facções que dominam favelas e morros inteiros, em 2008 o governo do Rio de Janeiro fundou as chamadas Unidades de Polícia Pacificadora - UPP. De acordo com o governo do Rio de Janeiro, através do site da UPP, 38 unidades já foram instaladas e atualmente a Polícia Pacificadora conta com um efetivo de 9.543 policiais. As unidades da UPP agem juntamente com a comunidade local e muito tem feito para o combate do tráfico de droga e armas pelo crime organizado.

3. Considerações finais

Conclui-se através de estudos feitos para elaboração do presente trabalho que o crime organizado no Brasil se desenvolve em um ritmo acelerado. As facções se introduzem dentro do sistema estatal por meio de policias e agentes corruptos.

Medidas que podem solucionar esse impasse, são: realizar uma seleção cautelosa dos atuais agentes públicos; executar projetos de incentivo que valorizem o trabalho destes agentes e estabelecer um programa de colaboração mútua entre trabalhadores estatais e a sociedade. A execução de projetos sociais, que visem melhorar as condições de vida dos cidadãos, que constantemente enfrentam dificuldades para exercer seus direitos básicos de cidadania, devem ter prioridade nos planejamentos orçamentários do governo. Reitero a ideia de que somos todos seres humanos, e, portanto, necessitamos das mesmas condições sociais.

Referências Bibliográficas:

AMORIM, Carlos. CV_PCC: **A irmandade do crime**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BENATTE, Antonio Paulo. É bicho na cabeça; **História Viva**; Editora Duetto, nº 54, pg. 66-70. Abril de 2008. Disponível em: <http://archive.is/IZOZk>. Acesso em: 05/05/2017.

BOMBIG, Alberto; CORREA, Hudson; **6 Caminhos para Combater o Crime Organizado**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/12/6-caminhos-para-combater-o-crime-organizado.html>. Acesso em: 06/05/2017.

ÉPOCA NEGÓCIOS; **Crime Organizado é disputado por 27 facções no país**. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/01/crime-organizado-e-disputado-por-27-faccoes-no-pais.html>. Acesso em: 06/05/2017.

LIPINSKI, Antônio Carlos. **Crime organizado & a prova penal: lei 9.034, de 03.05.1995**. Curitiba: Juruá, 2006.

OLIVEIRA FILHO, Roberto Gurgel de; Dornelles, João Ricardo W. **O tratamento jurídico penal das organizações criminosas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012. 142p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=21215@1&msg=28#>. Acesso em: 27/04/2017.

SOUZA, Percival de. **O Sindicato do Crime PCC e outros grupos**. 1 ed. São Paulo: Ediouro, 2006.

UPP, Unidades de Polícia Pacificadora; **Histórico**. Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/historico>. Acesso em: 07/05/2017.

Nota Biográfica

Keli das Chagas Medeiros nasceu no município de Redentora, Estado do Rio Grande do Sul - Brasil, formou-se no ensino médio na Escola Estadual de Ensino Básico Feliciano Jorge Alberto da cidade de Redentora. Atualmente mora na cidade de Ijuí e cursa direito na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.

„AFIRMA PEREIRA” DE ANTONIO TABUCCHI. O LIVRO DE „UM ITALIANO QUE SONHAVA EM PORTUGUÊS” E LEVAVA LISBOA NO SEU CORAÇÃO.

Magdalena Zakowicz - Universidade de Wrocław



Antonio Tabucchi é uma personagem muito notável, tanto para os italianos como para os portugueses, e cujo valor para a cultura europeia é grande. No meu artigo vou analisar uma das suas obras mais conhecidas: 'Afirma Pereira'.

Antonio Tabucchi foi um grande escritor italiano mas também português ou, melhor ainda, português e também italiano. A citação que usei no título “um italiano que sonhava em português” vem de uma revista portuguesa, de um artigo em memória de Tabucchi depois da sua morte. Então por que é que disse que Tabucchi foi sobretudo um escritor português? É verdade que as suas obras às vezes são mais conhecidas em Portugal do que em Itália, mas não seria só isto. Tabucchi levava Lisboa e Portugal no seu coração e chamava-o da sua pátria. Antes de passar a 'Afirma Pereira' que é o objetivo principal do meu trabalho queria apresentar uma breve biografia de Tabucchi.

A sua vida repartiu-se entre a Toscana, onde nasceu, e Lisboa, onde passou a maior parte da sua vida e onde morreu. Os seus primeiros anos de vida decorreram em casa dos seus avós em Vecchiano, onde frequentou a escola primária. Depois de terminar o liceu em Pisa no ano 1964 decidiu passar um ano em Paris, onde assistiu como ouvinte a aulas de Filosofia em Sorbona. Um dia, em França, encontrou o poema 'Tabacaria' de Álvaro do Campos em tradução francesa (Álvaro do Campos é um dos heterónimos mais conhecidos, um verdadeiro alter ego do escritor português Fernando Pessoa) e, desse modo, nasceu o seu interesse pelo poeta português, por Portugal e pela cultura e

literatura lusitana. Em Itália matriculou-se na Universidade de Pisa e frequentou o curso de Letras. Imediatamente orientou o seu objetivo de estudos em direção à literatura portuguesa. Foi em 1965 que durante a sua primeira viagem a Lisboa encontrou não só vários escritores importantes e intelectuais portugueses, mas também o seu grande amor, Maria José de Lancastre. Podemos dizer que naquele momento começou a sua paixão por Portugal, mas sobretudo por Lisboa, que se tornou a sua segunda casa.

A capital de Portugal é também onde decorre a ação de "Afirma Pereira", o livro sobre o qual queria falar hoje. Para mim é um livro muito importante, muito precioso, também porque foi o primeiro livro de Tabucchi que descobri e que se tornou o fundamento de minha tese de licenciatura.

A capital de Portugal é também onde decorre a ação de "Afirma Pereria", isto é, na Lisboa de 1938 na véspera da Segunda Guerra Mundial, nos tempos difíceis da ditadura de Salazar. Desta maneira o autor evidencia o momento mais crítico da história recente de Portugal, ou seja, uma vida na obra da propagação de regime totalitário de extrema direita. Passeando pelas ruas com o protagonista, já desde a primeira página sentimos o ambiente do final dos anos 30. Pereira é um velho jornalista português responsável pela página cultural de um jornal lisboeta. É um solitário que vive de rotinas e tem o hábito de falar com o retrato de sua esposa e também de pensar sobre a morte muitas vezes por dia. A sua vida é muito tranquila e monótona. Um certo dia lê numa revista o artigo do Monteiro Rossi sobre a morte. O texto escrito por um jovem recém-formado em Filosofia pela Universidade de Lisboa provoca Pereira para propor-lhe a colaboração com o seu jornal. Vendo neste jovem o filho que poderia ter tido afeiçoou-se a ele e aceita todas as vezes que este lhe pede dinheiro adiantado antes de escrever. Através do Monteiro Rossi, o protagonista conhece também Marta, uma colega do jovem. A rapariga é uma pessoa que não se conforma com a vida que tem e luta contra a repressão do salazarismo. Estes dois jovens são muito importantes para o protagonista. A amizade entre eles põe Pereira a pensar da sua vida e refletir sobre ela. Monteiro Rossi e a sua colega são um ponto de viragem na vida de um velho jornalista. No dia em que os conhece, começa a compreender tudo de uma maneira diferente. Começa a ver as coisas em torno de si próprio...

“Podemos dizer que naquele momento começou a sua paixão por Portugal, mas sobretudo por Lisboa, que se tornou a sua segunda casa.”

Então, como é possível que apesar de ser jornalista Pereira parece não ver as coisas que ocorrem no seu país? Ele não comenta nos seus artigos os aspetos políticos e concentra-se na literatura que como disse o seu tio, um literato falhado: "(...) parece ocupar-se só de fantasias, mas talvez diga a verdade." Mas a literatura para Pereira torna-se um tipo de fuga da realidade tal como falar com o retrato de sua esposa para não sentir a falta dela.

Mas há mais personagens que vão induzir a transformação do jornalista. O próximo, mais importante, que provoca a sua nova visão de mundo é o seu médico. Dr. Cardoso é um médico particular que se ocupa da literatura e provavelmente por isso conquista a confiança de Pereira. O doutor explica-lhe uma teoria psicológica que impulsiona o protagonista a ver melhor a sua vida. No final, Pereira deixa de ter medo de seu passado e começa visitar o

futuro. Como consequência decide publicar o seu artigo sobre a violência do governo salazarista e a verdadeira situação em que se encontra Portugal. No fim do romance, abandona tudo para ir viver para França, saindo do país utilizando um passaporte falso.

A obra de Antonio Tabucchi obteve prémios literários notáveis como Via Reggio e Campiello no ano seguinte à sua publicação e o prémio internacional Jean Monet em 1995. No mesmo ano saiu o filme dirigido por Roberto Faenza em produção italo-franco-portuguesa. Naturalmente, o filme tal como o livro obteve vários prémios e indicações.

Através do filme, queria evidenciar como todos estes fatores italianos e portugueses se conjugam. Podemos sentir o ambiente do filme baseado no livro também hoje passeando pelas ruas onde foram filmadas cenas de "Afirmar Pereira". Basta fazer uma viagem com „Lisbon Movie Tour“, um operador turístico português bastante particular. As cenas selecionadas de "Lisbon Movie Tour" são mostradas num tablet, combinadas com as informações históricas dos guias. Esta é uma perspetiva única de Lisboa e como dizem os organizadores "um misto inseparável entre realidade e ficção".

O tema principal da música do filme „A brisa do coração“ é uma composição de Ennio Morricone interpretada por Dulce Pontes, uma das cantoras portuguesas mais populares e reconhecidas internacionalmente.

No que se refere ao livro e as suas relações culturais, queria evidenciar uma outra coisa

muito interessante e notável, isto é, uma banda desenhada com base no livro de Tabucchi. Um verdadeiro trabalho artístico de dois artistas italianos: Marino Magliani e Marco D'Aponte, com o prefácio de Paolo di Paolo, no qual diz que esta banda desenhada enriquece o trabalho de Tabucchi ao dar a visão nova de Pereira (as palavras de aluno de Tabucchi e também o escritor). Também os críticos literários notam que este tipo de trabalho é uma variação interessante que pode atrair os leitores mais jovens.

Como é possível que um livro de ação que decorre em Portugal nos anos 30 do século passado, que além disso, conta a história muito particular daquele momento, se tornou uma obra tão importante para todo o mundo? O que é que queria mostrar um escritor "italiano que sonhava em português" com esta obra?

“Afirmar Pereira, como todos os outros livros de Tabucchi, são mais completos do que parecem, provavelmente porque “apesar de ocupar-se de fantasias, estas digam a verdade”.”

‘Afirmar Pereira’ como todos os outros livros de Tabucchi são mais completos do que parecem, provavelmente porque “apesar de ocupar-se de fantasias estas digam a verdade”. Recentemente em Itália saiu um livro intitulado Rua de Saudade 22 que pode ser muito importante para os próximos estudos sobre as obras de Tabucchi. Primeiro nasceu em Itália o blog chamado Dottor Cardoso com o objetivo principal de realizar o filme documentário com o mesmo título do livro, a memória de Tabucchi. Não é por acaso que se chama Dottor Cardoso, tal como o personagem de "Afirmar Pereira". Além disso, Rua de Saudade é o nome da rua onde vivia Pereira no livro. O livro Rua de Saudade 22 contém as entrevistas sobre Tabucchi com as pessoas ligadas a ele. Esta publicação pode ser um tipo de chave para compre-

“ Se tivesse de escolher uma palavra para descrever este livro diria que é manifesto. Manifesto pela liberdade de expressão, através de história, de nossa vida mas sobretudo através da literatura. ”

ender as suas obras, mas sobretudo 'Afirmar Pereira'. Se tivesse de escolher uma palavra para descrever este livro diria que é manifesto. Manifesto pela liberdade de expressão, através de história, de nossa vida mas sobretudo através da literatura.

Como conclusão queria citar Fernando Pessoa com uma frase que Tabucchi usava muito: „A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta.”

Referências bibliográficas:

1. Tabucchi, A. (2012). *Afirmar Pereira*. Afragide, Leya S.A.
2. Perucci, D., Mancini, S., Garzi, M. (2017). *Rua de Saudade 22: interviste per Antonio Tabucchi*, Livorno, Vittoria Iguazu Editora.
3. <http://www.lisbonmovietour.com/index.php/it/tours-lisboa/product/3667-afirma-pereira>
4. <http://www.antoniotabucchi.it/biografia/cronologia-della-vita.html>
5. <https://lapoesiaelospirito.wordpress.com/2015/01/28/marino-magliani-marco-daponte-sostiene-pereira>
6. <http://www.jn.pt/artes/interior/perfil-antonio-tabucchi-o-italiano-que-sonhava-em-portugues-2383834.html>

Breve informação sobre o autor:

Estudante de último ano de Licenciatura de Italianística no Instituto de Estudos Românicos. No ano letivo 2016/2017 foi bolseira do Programa Erasmus na Universidade para estrangeiros em Siena onde nasceu a sua paixão por Tabucchi e as suas obras e por isso daí que a sua tese de licenciatura se baseie nos aspetos históricos portugueses e italianos na obra 'Afirmar Pereira'. No ano 2017/2018 vai realizar um estágio no Centro Europeu de Línguas em Lisboa.

MÚSICA CONTRA A DITADURA

Paulina Sztamberek, Universidade Maria Curie Skłodowska

Para podermos apresentar como a música lutava contra o regime da ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1985 é necessário compreender a posição da música na sociedade brasileira. Compreender o que era e continua a ser um fenómeno que não se pode encontrar em outros países.

A invenção do fonógrafo por Thomas Edison – o aparelho para gravar e reproduzir sons considera-se como um ponto revolucionário na história da música mundial. O fruto do trabalho de Edison deu início a uma nova era para a música, impulsionando a invenção de outras novidades técnicas como o gramofone, o gravador e o rádio. A música brasileira desde a apresentação do fonógrafo em Porto Alegre entrou num caminho novo, tornando-se um produto de comércio, um meio de relatar a história, um meio de propaganda e uma maneira de criticar a realidade. Dizia-se que antes de 1964 a música “despertava a visão crítica e promovia o protagonismo” das classes populares; a música era criada para os operários, e para os camponeses, então, era dirigida às favelas. Depois de 1964, ou melhor, com o surgimento do movimento Música Popular Brasileira em 1966, podemos dizer que a música tornou-se uma conversa entre as pessoas da classe média, com muito jeito e com valor, indo à luta.

A época da ditadura militar, especialmente, os anos entre 1968 – 1974, chamados de “Anos de Chumbo” foi o período de terror mais sangrento na história do Brasil independente. Desde 1968 o Estado publicava os Atos Institucionais, em suma foram 17 atos, com objetivo de manter a ditadura militar e assim, dando a possibilidade de suspender os direitos garantidos pela constituição. O mais famoso foi o Ato

Institucional 5 (AI-5) que legalizou o aparato da censura que controlava todo o país. Os brasileiros eram, constantemente, humilhados, agredidos, torturados e assassinados. Outros desapareciam em circunstâncias desconhecidas. Também as pessoas inocentes que não tinham nenhuma relação com a oposição e não participavam ou apoiavam movimentos sociais eram perseguidas. As casas de camponeses e aldeias inteiras eram incendiadas e até mesmo em hospícios as pessoas eram torturadas. A maioria da população brasileira não tinha a consciência do que realmente se passava ou não o relacionava com o Estado.

As décadas de 60 e 70 foram marcadas por um fenómeno musical novo e único, chamado de Música Popular Brasileira ou de pós-bossa nova, um género que unia o samba com jazz, tentando criar uma música nacional. A MPB não era somente um género musical, tornou-se num movimento, numa manifestação de artistas. Os artistas e o público eram na sua maioria estudantes e intelectuais, o que

“A MPB não era somente um género musical, tornou-se num movimento, numa manifestação de artistas.”

“Os artistas tinham de usar metáforas, símbolos, nuances para enganar os censores que tentavam calar cada pessoa que tinha algo a dizer contra o regime.”

provocou mais tarde que a MPB fosse chamada também de "música da universidade." O Estado tratava a MPB como todo o mal do mundo atual. Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Chico Buarque são, entre outros, os nomes de artistas desse movimento, que estavam numa lista negra da censura durante o regime militar. Os artistas tinham de usar metáforas, símbolos, nuances para enganar os censores que tentavam calar cada pessoa que tinha algo a dizer contra o regime. Muitas vezes, não eram as figuras de retórica enormes, eram simples e óbvias. Mas, na sua maioria, os censores caracterizavam-se pela falta de inteligência. Isso, tinha o seu lado bom e mau; por um lado não captavam as nuances, por outro lado proibiam as canções que não tinham nada a ver com a resistência.

A canção mais emblemática é o clássico da MPB de Geraldo Vandré "Pra Não Dizer que Não Falei das Flores" também conhecida como "Caminhando", publicada antes da proclamação do AI-5. Nessa canção o autor criticou abertamente o regime. Por isso, depois do AI-5 foi preso e torturado, e para sobreviver teve de fugir para o exílio. Na canção são destacadas as injustiças: por exemplo no verso "pelos campos há fome em grandes plantações" e a presença do exército nas ruas no verso "Há soldados armados, amados ou não". O verso "Vem, vamos embora que esperar não é saber./ Quem sabe faz a hora, não espera acontecer" convocava a gente para unir-se e lutar contra o regime. A titulada "flor" da canção é uma alusão ao símbolo usado pelos hippies nos Estados Unidos.

A outra canção-protesto é "Alegria, Alegria" de Caetano Veloso, A canção não só negava o Estado, mas também criticava os seus compatriotas. O verso "Caminhando contra o vento/sem lenço e sem documento" fazia uma referência à violência dos militares contra os que não se podiam defender, mas tentavam lutar. As palavras " sem livros e sem fuzil/ sem fome, sem telefone/ no coração do Brasil" e "o sol nas bancas de revista /me enche de alegria e preguiça/quem lê tanta notícia?" mostravam a ideologia da ditadura militar que pretendia criar um povo alimentado mas que não sentisse a necessidade de ler, de aprender etc. Assim, ninguém no futuro lutaria contra o Estado. Caetano Veloso critica, usando as comparações metafóricas, os desníveis sociais intensificados no período dos "anos de chumbo": "Eu tomo uma coca-cola,/Ela pensa em casamento", "Em caras de presidente/em grandes beijos de amor/em dentes, pernas, bandeiras, bomba e Brigitte Bardot." A palavra " coca-cola" era usada no duplo sentido, fazia a crítica a uma das maiores multinacionais norte-americanas; a instauração do regime foi apoiada com dinheiro dos Estados Unidos. A frase "Ela pensa em casamento" também tem o sentido duplo. Enquanto tantas pessoas lutavam e sofriam as repressões, outras acreditavam na propaganda do regime e passavam uma vida calma. Cada estrofe na canção termina com "eu vou" isto é a afirmação do sujeito lírico, então, de Caetano Veloso que dizia que ele próprio caminha contra a ditadura.

Com "Apesar de Você" a canção de Chico Buarque de Holanda, conhecido sob o seu

pseudônimo, de Julinho da Adelaide está relacionada com uma história que mostra perfeitamente o funcionamento do aparato da censura. A canção era dirigida ao presidente Médici. Chico Buarque estava certo de que a censura permitiria a publicação da canção dele. Passou pela censura e milhares de cópias de discos foram preparados para a venda. Com a popularidade da canção, os censores proibiram a gravação, destruindo todas as cópias da canção. Quando Chico foi chamado ao interrogatório para esclarecer o que significava o "você", respondeu que: "É uma mulher muito mandona, muito autoritária". Os censores satisfeitos com a resposta permitiram regravar a canção.

A última canção, analisada no artigo é "O bêbado e a equilibrista" de João Bosco e Aldir Blanc, composta nos últimos anos da ditadura e dedicada aos exilados. Relatava a situação em que estava o Brasil. As "Marias e Clarisses" - a Maria era a mãe do famoso jornalista e escritor, e a Clarice era mulher do jornalista-oposicionista assassinado por militares - fazem a referência a todas as mães, filhas, mulheres que choravam pela falta das pessoas que tinham de fugir do Brasil para sobreviver. A personagem de "Carlitos" era uma alusão a uma das personagens de Charles Chaplin. Representava a gente que apesar de ter estado pressionada, conseguia manter o bom humor. A frase "A equilibrista dançando na corda bamba" através da metáfora dizia que havia sempre esperança para o melhor futuro.

Referências bibliográficas:

CABRAL, Sérgio. *A MPB na era do Rádio*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena História da Música Popular*. São Paulo: Editora Art, 1991.

<http://memoriasdaditadura.org.br/> [acesso em: 30.04.2017].

<https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46168/> [acesso em: 04.05.2017].

<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/7582/> [acesso em: 05.05.2017].

<https://www.lettras.mus.br/joao-bosco/discografia/o-bebado-e-o-equilibrista-1998> [acesso em: 06.05.2017].

<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/43867/> [acesso em: 05.05.2017].

Breve informação sobre o autor:

Sou estudante do 5º ano dos estudos portugueses. Desde que me lembro, a história foi sempre a minha disciplina preferida. Interesse-me especialmente pela história medieval e pela história da frente ocidental e frente do mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial. No meu tempo livre, encontro-me com os amigos, cozinho e vejo as séries policiais. Sou uma fã louca da série americana NCIS, então posso perder todo o dia para a ver.

COMO VIVER OS JOGOS OLÍMPICOS EM 10 PASSOS

Anna Krupa



Passo 1: Surgimento da ideia

É o passo mais essencial e se calhar mais importante, porque tudo começa quando aparece na nossa mente algum pensamento ainda não bem definido. Pode ser uma palavra, pode ser uma imagem, pode ser uma pergunta. «E se eu fosse aos Jogos Olímpicos para o Rio de Janeiro em 2016? Até vou falar português na altura.» - assim nasceu a semente da ideia na minha cabeça há uns anos. Sinceramente nem sequer sei bem em que momento aconteceu isso. Provavelmente por volta do ano 2012, quando acabaram os Jogos Olímpicos em Londres e soube que os próximos iam ter lugar no Brasil. A coincidência de ser estudante da licenciatura em filologia ibérica na altura (estava no segundo ano) fez com que começasse a pensar que ia ser uma ótima oportunidade para poder usar ambos os idiomas na prática e para conhecer alguma parte da América do Sul.

Contudo, esta etapa foi a mais sossegada, já que não falei ainda com ninguém e também não era possível seguir com o próximo passo. Por isso, a ideia ficou lá dentro da minha mente congelada. Até ao passo seguinte.

Passo 2: Inscrição no programa de voluntários

Ir ver os Jogos Olímpicos ou outro evento quer desportivo quer cultural não é um problema grande nos nossos tempos. Basta ter apenas a quantidade de dinheiro suficiente e talvez um pouco de noção quando será preciso comprar bilhetes para garantir os melhores lugares. Porém, ir aos Jogos Olímpicos como voluntária e fazer parte deste grande evento já é mais complicado. Mas não impossível. O que tem que se fazer é inscrever-se no programa de voluntários que está aberto ao público sempre dois anos antes do acontecimento. Os Jogos Olímpicos não são caso único, da mesma maneira funciona

qualquer competição desportiva mais importante. E não sou o único exemplo da nossa antiga turma da licenciatura, pois a Katarzyna Walczak foi voluntária no em 2012 no Campeonato da Europa em Varsóvia.

O voluntário potencial tem de ter muita paciência, porque o processo de recrutamento dura muito tempo. A inscrição no programa não garante que a pessoa ganhe o título de voluntário. Além disso, é um processo muito complexo que possui várias etapas realizadas em formas diferentes. No entanto, neste passo interessa-nos a inscrição. Além dos dados pessoais indicamos já em que área queremos voluntariar. Era preciso escolher três áreas de funcionamento, começando pela área da nossa preferência. No meu caso quis trabalhar em tradução, relações internacionais e protocolo ou em atendimento ao público. Além do mais, indicava-se o lugar de trabalho no Brasil, dado que diferentes clusters eram espalhados tanto dentro do Rio como fora, por exemplo o futebol tinha lugares em várias cidades tais como Belo Horizonte, Salvador, São Paulo, Brasília ou Manaus. Declarei apenas o Rio de Janeiro. Contudo, uma das coisas mais importantes no momento da inscrição era o regulamento do voluntariado e as condições oferecidas pelo Comitê Rio 2016. Em outras palavras, era o momento em que conscientemente assinei o programa sabendo que as únicas coisas que o programa garantia era o uniforme do voluntário, transporte pelo Rio e direito a uma refeição nos dias de trabalho. Portanto, tive que pagar sozinha tanto pela viagem como pelo alojamento no Rio de Janeiro. Porém, tendo esta consciência o potencial voluntário era capaz de acumular o dinheiro necessário durante quase dois anos.

Passo 3: Processo de recrutamento

Tal como já indiquei o processo de recrutamento era muito complexo e durou praticamente até janeiro de 2016 no meu caso. Sei que no caso de outros voluntários durou quase até maio ou ainda junho. No início recebi convites

para os testes de línguas cujo conhecimento declarei no formulário da inscrição. Os testes eram divididos em várias competências que deviam indicar o nível da proficiência. Recebi dois convites, nomeadamente para o teste de inglês e de espanhol. O de português não era preciso, dado que fiz a inscrição em português e não em inglês. A etapa seguinte foi uma entrevista de grupo via aplicação criada especialmente pelo Comitê Rio 2016. A aplicação permitiu participar numa chamada de grupo com a entrevistadora do Comitê Rio 2016 e com outros candidatos de diferentes partes do mundo. Era preciso agendar a entrevista e também ter em atenção o fuso horário distinto, dado que os agendamentos foram feitos de acordo com a hora de Brasília. Além disso, tínhamos acesso aos cursos gratuitos de inglês e português online em níveis diferentes. Durante o processo de recrutamento, no total, tive duas ou três entrevistas de grupo com a duração de aproximadamente uma hora cada que permitiram conhecer um pouco melhor as condições e regras de atuação nos Jogos Olímpicos em papel de voluntária.

Passo 4: Receber a confirmação de ser aceite

Finalmente chegou o dia 7 de janeiro em que recebi a confirmação do posto atribuído como voluntária. Acabei por ser escolhida para Assistente de Dignatários na área de relações internacionais e operações de protocolo, o que na prática significou que ia ser Assistente dos Ministros do Desporto. Em outras palavras, um dos cargos mais importantes que podia imaginar nos Jogos Olímpicos. A partir deste momento já pude ter uma ideia dos Jogos ainda mais clara que antes. Já não era algo distante e inalcançável. Pelo contrário, um dos sonhos aparentemente estava por se realizar e decorrer. Durante os meses seguintes tive de fazer alguns cursos online relacionados tanto com o cargo atribuído como com as informações gerais necessárias para um voluntário.

JOGOS OLÍMPICOS



Passo 5: Preparações para a viagem

O processo das preparações por um lado foi bastante complexo, mas por outro correu muito rapidamente porque estava com o tempo bastante limitado. A minha cabeça na altura queria quase explodir porque tinha várias coisas a acontecer ao mesmo tempo. Foi o meu segundo semestre em Portugal onde estava a estudar com a bolsa do programa Erasmus+. Além das cadeiras na Polónia tinha outras quatro para realizar no Porto. Cada uma

acabava com um trabalho escrito baseado na pesquisa avançada. Além disso, estava a concluir a tese do mestrado. Não queria ir para o Brasil sem deixar em casa tudo pronto para a apresentação da tese que ia ter lugar no início de setembro. Por esta e algumas outras razões não tive muito tempo para pensar e hesitar, tinha de tomar decisões definitivas.

Ainda bem, porque se tivesse pensado demasiado até podia desistir. Ouvei algumas pessoas a perguntar se era maluca de ir sozinha para o Brasil, se não estava com medo de apanhar Zika, se não estava com medo de ser roubada, etc. Até ouvi uma pergunta muito engraçada que era: «o teu namorado deixa-te ir sozinha ao Brasil? Não se preocupa contigo?». Ouvindo aquelas perguntas apenas sorria e seguia com o trabalho que estava por fazer. A lista foi complexa: planear a viagem, comprar os bilhetes de avião, encontrar o alojamento, tratar do seguro de saúde (como Brasil não é um país europeu o cartão EKUZ nem NFZ no geral não cobrem os gastos no caso de algum tratamento médico), ver se era preciso tomar alguma vacina e tomar precauções com o Zika, etc. É claro que uma viagem deste tamanho está relacionada com vários fatores e assuntos para tratar, especialmente quando se viaja sozinha. Na lista dos estabelecimentos a visitar estavam os bancos, agências de viagens ou companhias de seguro, centros de saúde, farmácias, páginas da embaixada, etc. Também é preciso sublinhar que se calhar nem todos os estabelecimentos acima mencionados e os assuntos para tratar foram necessários, mas eu sou uma pessoa que cuida dos detalhes e preferia ter tudo verificado antes da viagem para que não acontecesse nada imprevisto.

Passo 6: Viagem e os primeiros dias

No dia 28 de julho de 2016 começou a minha aventura. Sai de casa de manhã acompanhada pelos meus pais e apanhei o comboio até o Aeroporto Chopin em Varsóvia. Como não existe a ligação direta da Polónia com o Brasil tive de encontrar alguma oferta interessante com escala. Optei pela viagem Varsóvia-Lisboa-Rio de Janeiro. Ambos os voos correram tranquilamente. Logo ao entrar a bordo do avião para o Rio vi vários grupos de atletas e treinadores de diversos países que iam realizar os seus sonhos e lutar pelas medalhas. Quando chegámos ao aeroporto eram 5 horas de madrugada, uma noite escura e uma fila enorme para o controlo dos documentos. Depois de ter recebido o carimbo no meu passaporte chegou o momento para sair do aeroporto na direção do meu alojamento. Consegui alugar um quarto na casa de família de uma conhecida brasileira. Não podia ficar no melhor lugar! A Cristina e a Fátima (duas irmãs cariocas) fizeram com que este tempo no Rio fosse muito bom para mim. Duas mulheres do espírito jovem que tinham muita energia e animação, acho que inclusive mais do que eu, tornaram-se as minhas guias nos primeiros dias na cidade. Assim sendo, fiquei hospedada em Flamengo, muito perto da praia. Os primeiros dias passaram em adaptação ao local e ao fuso horário (que resultou ser um dos meus maiores problemas, pois acordava muito cedo e adormecia cedo também). Dava umas pequenas voltas a pé perto da casa, tentei conhecer um pouco da cidade tam-

JOGOS OLÍMPICOS



Anna Krupa

bém. Uma das maiores surpresas foi encontrar uma igreja polaca na rua ao lado da casa. Cada domingo às 10h a missa é celebrada em língua polaca e depois a seguir tem lugar o encontro da comunidade «polonesa» do Rio, isto é, dos polacos que vivem lá e dos descendentes dos polacos que querem manter contacto com a comunidade. O interessante é que o padre diz o sermão duas vezes: uma vez em polaco e outra em português. Foi muito surpreendente para mim que no final da missa o padre convidou as caras novas que apareceram para que se apresentassem no altar e dissessem algumas palavras sobre si. Fomos quatro voluntárias que íamos trabalhar em postos diferentes durante os Jogos Olímpicos. Assim consegui conhecer algumas pessoas novas e estar em contacto com outras voluntárias durante a minha estadia no Rio.

Passo 7: Trabalho nos Jogos Olímpicos

O meu trabalho nos Jogos Olímpicos começou no sábado dia 30 de julho de 2016 com uma formação especial relacionada com o papel que ia desempenhar durante os Jogos Olímpicos, isto é, assistente dos Ministros do Desporto. Fui eleita pelo Comitê Rio 2016 para acompanhar a comitiva da Polónia, o que era uma boa ideia considerando o facto de que falava polaco, português e inglês. Na formação ficámos a saber informações relacionadas com deveres e obrigações, atitudes que devíamos tomar em relação a situações diferentes que pudessem ocorrer durante este evento desportivo. Cada um de nós recebeu um telemóvel especial para podermos comunicar-nos com as pessoas responsáveis de cada grupo de países, dado que a gestão foi dividida de acordo com o continente do qual provinham os ministros. Na lista das nossas tarefas constava estar em contacto com o ministro atribuído, gerir a sua agenda, agendar o transporte para os eventos olímpicos diferentes e acompanhá-lo durante o nosso dia de trabalho. Contudo, o trabalho a sério começou só no dia 5 de agosto quando pela primeira vez tive o encontro com o Ministro de Desporto polaco, Sr. Witold Bańka. Foi o dia da abertura dos Jogos Olímpicos e o meu papel era assegurar que o ministro chegasse a tempo para o lugar de encontro de

JOGOS OLÍMPICOS

todos os ministros antes da abertura da cerimónia. Neste dia conheci também o embaixador da Polónia no Brasil Sr. Andrzej Braiter e a consulesa Sra. Katarzyna Braiter (esposa do embaixador). Porém, devo admitir que a comitiva do nosso país tinha grande ajuda por parte da embaixada da Polónia no Brasil, facto que facilitou muito, tanto o meu trabalho, como a vida do ministro. Nem todos os países tinham este privilégio. Durante estes dias conheci melhor as pessoas que trabalham na embaixada da Polónia em Brasília e tive também a oportunidade de visitar a Vila Olímpica e falar com alguns dos nossos melhores atletas que trouxeram medalhas uns dias depois, nomeadamente Anita Wlodarczyk e Piotr Malachowski. Foi um tempo inesquecível que é difícil descrever em apenas algumas linhas. Porém, a cooperação dentro do Comité Organizador dos Jogos era bastante caótica e às vezes difícil por falta de informação pretendida. O grande problema que sofreram as pessoas com que falei muitas vezes (p.ex. motoristas contratados) era falta de formação adequada para o posto em que estavam a trabalhar. Nem todos falavam inglês e ninguém na altura do processo de recrutamento os informou sobre a necessidade de comunicação em línguas estrangeiras. Além disso, muitos dos voluntários eleitos para acompanhar os ministros ficaram parados sem sequer poder trabalhar um dia durante os jogos. O sonho deles passou a ser um pesadelo. Felizmente, o caso descrito não se referia a mim.

Passo 8: Ser espectadora

Os Jogos Olímpicos são sobretudo a grande festa do desporto. Trabalhando lá não podia não assistir às competições das minhas duas modalidades favoritas: o vólei e o andebol. Os jogos de ambas as disciplinas eram em partes diferentes do Rio. O famoso pavilhão desportivo Maracanãzinho hospedou todos os jogos de vólei que tiveram lugar durante as Olimpíadas. No total assisti a três jogos da nossa seleção que eram um leque de emoções diferentes para todos os fãs tanto lá, no Maracanãzinho, como em frente dos televisores em todo o mundo. Contudo, não se pode comparar o ambiente que se sente num pavilhão desportivo quando a Mikasa está a voar por cima da rede, quando à volta se ouvem gritos de apoio, não só de parte dos polacos presentes no Rio, mas sobretudo dos brasileiros que torcem pelo teu país. Além disso, o vólei é um dos desportos mais importantes no Brasil e a organização dos jogos desta modalidade era impecável. A animação do público avalio com 5 estrelas, sem mais nem menos. Adorei participar neste evento como espectadora e posso dizer que um dos meus grandes sonhos cumpriu-se lá, isto é, ver uma vitória da seleção nacional. É pena que não tivessem ganho nenhuma medalha, mas para mim são os heróis na mesma.

Por outro lado, os jogos de andebol tinham lugar na Arena do Futuro no complexo despor-

tivo na Barra da Tijuca. O ambiente durante o jogo era diferente, talvez por haver muitos lugares vazios. Um dos lados positivos dos jogos era poder conhecer outros espectadores polacos que vieram ao Brasil especialmente para apoiar os nossos atletas.

Passo 9: Desfrutar da estadia

Cidade Maravilhosa é como é conhecido o Rio de Janeiro e tem vários lugares para oferecer entretenimento e vistas belas para os turistas. Também eu aproveitei esta possibilidade de ver a cidade com os olhos de turista. Na minha lista de lugares para visitar não podia faltar o famoso Pão de Açúcar ou o Cristo Redentor. Ambos os pontos turísticos abundavam em visitantes estrangeiros que foram atraídos para a cidade por causa dos Jogos Olímpicos. Além disso, consegui visitar o bonito Jardim Botânico, o muito moderno Museu do Amanhã do projeto de António Calatrava, a Fundação Biblioteca Nacional, o bairro de Santa Teresa e as famosas praias de Copacabana e Ipanema.

Participei também numa visita guiada ao abrigo da fundação Free Walking Tours. O nosso grupo era pequeno e o guia Marcelo de Sousa mostrou grande conhecimento sobre o Centro Histórico do Rio de Janeiro. O passeio durou quase três horas em que cheguei a

JOGOS OLÍMPICOS

conhecer a famosa Cinelândia, Escadaria Selarón, os Arcos da Lapa ou a Catedral de São Sebastião.

A paisagem que vi era totalmente diferente do que vi no continente europeu e cheguei à conclusão de que o Rio de Janeiro é uma cidade de contrastes. No centro da cidade os edifícios antigos misturam-se com os arranha-céus. Numa rua pequena em três prédios vizinhos podem funcionar uma casa de macumba, uma sinagoga e uma igreja Universal. Os condomínios estão separados da rua por grades muito altas e o porteiro vigia o prédio constantemente. Ao lado dos bairros ricos estendem-se os bairros dos pobres e as favelas. As crianças são mães e pedem esmola aos passantes. As praias lindas têm as vistas espetaculares, mas o que põe a sombra nelas é o mau cheiro e o lixo na água. Será que isto é o Brasil verdadeiro ou apenas a realidade da Cidade Maravilhosa? O que é certo é que o Rio de Janeiro hospedou mais de um milhão de visitantes na altura dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos e que o nível de segurança foi agradável. O ataque terrorista que todos temiam não aconteceu e os brasileiros conseguiram organizar um dos mais importantes eventos desportivos.

Passo 10: Voltar a casa

Passei no Brasil quase um mês e já estava com saudades da Europa, da família e dos amigos. Por isso, quando veio o dia da minha viagem de volta despedi-me da Cidade Maravilhosa prometendo voltar lá algum dia numa altura mais calma. Participar nos Jogos Olímpicos foi, sem dúvida, a aventura da minha vida. Foi uma das coisas que acontecem só uma vez na vida e tem que se aproveitar ao máximo. Não tenho certeza se aproveitei ao máximo a minha estadia lá, talvez pudesse visitar mais lugares, organizar de outro modo o tempo livre. Porém, quando olhamos para o passado com uma perspetiva mais ampla é fácil dizer isto. No momento tomam-se decisões de acordo com as emoções, a disposição diária e pessoas à volta. Se pudesse mudar uma coisa seria levar

comigo ao Rio pessoas mais próximas. Para que também pudessem viver os momentos que eu vivi.

O texto foi escrito em vários intervalos de tempo. Algumas partes escrevi logo após as Olimpíadas, outras, muitos meses mais tarde. Graças a isso pude ter uma perspetiva mais objetiva da minha estadia no Brasil. Contudo, a mensagem mais importante que queria transmitir é: não desistas dos teus sonhos. Houve, há e haverá sempre pessoas que vão tentar puxar-te para trás e não deixar realizar os teus sonhos. Que vão dizer que és maluca, que não devias fazer isto ou aquilo. Estas pessoas provavelmente nunca saíram da sua zona de conforto e não têm coragem de lutar pelos seus sonhos. A melhor forma de combatê-las é sorrir e ignorar as suas palavras. Nunca deixes de sonhar. Não digas que não tens força ou coragem para fazer alguma coisa. A vida é demasiado curta para fazeres isso e o tempo para explorares o mundo é limitado. Aguenta. Esforça-te. Mas não desistas. Nunca.

Nota Biográfica:

Nasci em pleno verão de 1992 na região da Silésia. Na adolescência comecei a escrever um blogue onde podia libertar os pensamentos e esvaziar a cabeça. Apaixonada pela língua espanhola decidi tirar a licenciatura em Estudos Ibéricos na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin, seguida do mestrado nos Estudos Portugueses na mesma Universidade. Lá, comecei a escrever em português e descobri a facilidade de transmitir as minhas ideias nos contos. E assim começou a minha aventura com a escrita criativa. Gosto de observar as pessoas, porque o seu comportamento constitui uma fonte inesgotável de inspiração para as minhas histórias, tal como as viagens e a experiência de viver no estrangeiro. Vivo no Porto e através do blog: <http://portogalense.blogspot.pt/> dou a conhecer o norte de Portugal aos polacos.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O MULTILINGUISMO

Dorota Podstawka
3º ano de Estudos Portugueses



Ludwig Wittgenstein afirmou: *As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo. É difícil não concordar com esta frase – o conhecimento de vários idiomas é sem dúvida uma qualidade desejável, que desperta admiração e até às vezes inveja de outras pessoas.*

O multilinguismo, ou seja a capacidade de falar mais de um idioma, pode-se referir não só aos indivíduos mas também a todas as sociedades e nações. As circunstâncias geográficas frequentemente forçam o homem a comunicar-se com os falantes doutra língua quando vive numa sociedade multiétnica, quando a sua família se compõe de pessoas de várias origens, durante a emigração, mas muitas vezes as pessoas tornam-se multilíngues por paixão e vontade de aprender. O exemplo que bem ilustra o fenómeno multilinguístico é a sociedade suíça na qual se fala em quatro línguas – alemão (curiosamente, com sotaque completamente distinto do alemão da Alemanha), francês, italiano e língua romanche. Cada uma

destas línguas é falada em determinados cantões e cria uma confusão não só para os turistas que depois de andarem por exemplo 30 quilómetros caem numa realidade linguística completamente distinta, mas até para os próprios suíços. Na escola suíça é necessário aprender uma destas línguas e é imprescindível que a pessoa com o título de educação superior conheça pelo menos três dos idiomas oficiais.

Estes obrigações não garantem uma comunicação impecável na Suíça, mas isto não a impede de ser um dos países mais desenvolvidos e ricos no mundo.

Voltando à questão do multilinguismo, podemos distinguir um fenómeno particular, que é o

“Ludwig Wittgenstein afirmou: As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo. É difícil não concordar com esta frase – o conhecimento de vários idiomas é sem dúvida uma qualidade desejável.”

bilinguismo. Ocorre quando a criança desde a sua infância adquire a capacidade de comunicar-se em duas línguas que se podem considerar como sendo as suas maternas. Isto acontece quando aprende a segunda língua na escola, emigra com os pais para um país estrangeiro ou quando os seus pais são de nacionalidades diferentes. O bilinguismo e multilinguismo têm muitas vantagens pois permitem mais facilmente aprender novos idiomas, desenvolvem mais habilidades cognitivas, supõe-se que também inibem a doença de Alzheimer. As pessoas multilíngues e políglotas, os que dominam pelo menos três idiomas, então que são capazes de ler, entender e falá-los, geralmente ganham mais e são os trabalhadores mais desejados no mercado laboral.

Não tem de nascer-se numa família multinacional para falar mais de um idioma, o que é necessário para alcançá-lo é a forte motivação e muito trabalho. Benny Lewis indica estas duas condições como as únicas imprescindíveis para ser um políglota. Este irlandês é capaz de conversar no nível avançado em sete línguas distintas, mesmo que com 21 anos só conhecesse inglês. Outro políglota, o italiano Luca Lampariello que fala perfeitamente inglês, francês, alemão, espanhol, sueco, russo, dinamarquês, português e chinês, dá um conselho precioso que deve-se aprender as línguas, tal como aprendem as crianças ao longo do seu crescimento e não estudar.

Sandra Scholz também acredita na importância de imitação das crianças. Esta políglota polaca e autora da página [\[polyglot.pl/\]\(http://polyglot.pl/\), sublinha que cada um é que deve encontrar o método que torna o processo de aprendizagem das línguas impercetível, que permite juntar o útil ao agradável.](http://madame-</p></div><div data-bbox=)

Quando se começa a falar um idioma estrangeiro é melhor concentrar-se nos temas que nos tocam mais – conversações sobre o buraco da camada de ozono com certeza aborrece uma pessoa cuja paixão é a costura, então mais encorajante para aprender é falar com ela de costura. Quanto à aprendizagem do vocabulário, Scholz recomenda também não decorar palavras isoladas, mas absorver frases inteiras, o que permite conhecer vários contextos e fixar a estrutura da língua.

Há pessoas que se queixam da falta de talento para dominar línguas estrangeiras, mas a maioria dos políglotas afirma que este tipo de talento simplesmente não existe. Todos somos diferentes e todos percebemos o mundo de outra maneira por isso também os nossos métodos de adquirir os conhecimentos diferem. Só temos de procurá-los, trabalhar e, o que é mais importante, não ter medo de cometer erros.

Nota Biográfica:

Dorota Podstawka, 22 anos, estudante do primeiro ano de Mestrado em Português. Interessada pela aprendizagem das línguas estrangeiras, entusiasta de viagens por vários sítios do mundo, especialmente com terrenos montanhosos.

O LADO MAIS "PESADO" DA MÚSICA PORTUGUESA. UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA DO METAL EM PORTUGAL.

Magdalena Dudzic - 3º ano de Filologia Ibérica



A música portuguesa. O que talvez venha à mente de muitas pessoas ao mencionar-se música portuguesa é o Fado. Fado é o tipo de música tradicional portuguesa que tem a sua origem no século XIX. Na Polónia é bastante reconhecida pelo seu valor sentimental e a extraordinária e comovedora sonoridade. Mas agora gostaria de apresentar outro estilo de música que é o metal, e a sua presença no país de Camões, e o que segundo o meu ponto de vista merece apenas conhecer.

Queria descrever um pouco a história deste estilo musical em Portugal. Há quem diga, que as raízes remontam aos anos 80 do século XX, mas isso seria muito incerto. Na verdade, este tem a origem (naquele momento ainda não era chamado metal porém rock) mais cedo porque nos anos 60 do século XX com os seus representantes tais como The Playboys considerados o embrião do Heavy / Hard Rock nacional e Pop Five Music Incorporated. Depois deste pequeno passo, na década 70 na qual Portugal conquistou a democracia o Rock ainda era visto com muita desconfiança. Os músicos eram objeto de marginalização social pela aparência progressista, ou seja, o cabelo comprido e a roupa de ganga.

Nesta década desenvolve-se o movimento metaleiro a nível internacional que foi o primeiro grande impulso, ao mesmo tempo em que temos a explosão do New Wave of British Heavy Metal (N.W.O.B.H.M), que tal como o nome indica teve lugar na Inglaterra.

No entanto, em finais da década de 70, apesar do ambiente revolucionário que ainda se vivia, eram poucos os que em Portugal conheciam a expressão "Heavy Metal", as bandas portuguesas eram poucas e o mercado não demonstrava qualquer interesse por este estilo da música. Nesta época, quando o underground não era um termo conhecido, ainda não se pode falar



Lino Matos

verdadeiramente num movimento nacional deste movimento cultural e musical. Dois nomes proeminentes sobressaem desta altura do chamado boom do Rock português dos anos 80: "NZZN" e "Roxigénio", pela influência que posteriormente irão ter noutras bandas.

Por esta altura e nos anos seguintes começam a surgir novas bandas. No Porto surgem os "Tarântula", "Xeque-Mate", "Ferro & Fogo" e "Jarojupe". Mais a Sul, na zona de Lisboa aparecem os "Valium", "STS Paranoid" e "Sepulcro". Estas bandas eram os que, se pode dizer, fizeram a história.

No ano 1989 formou-se uma banda chamada Morbid God, mas em 1992 mudam o nome para Moonspell. Em 1994 editaram Under the Moonspell, o mini-LP de estreia do coletivo de Fernando Ribeiro, que assinalou o primeiro contrato internacional de uma banda portuguesa (neste caso, pela francesa Adipocere Records). Cedo os Moonspell ganharam fama nos mercados alemão e francês, através de álbuns como Wolfheart e Irreligious. A partir de então, conquistaram o Mundo. Nesta década

também surge a revista especializada em metal "Rock Power", sendo a primeira revista deste tipo no país.

Hoje em dia temos muitos representantes portugueses deste tipo de música e bandas que merece a pena mencionar como por exemplo Dragon's Kiss formada em Lisboa no ano 2013.

Agora eu somente posso recomendar que as conheçam, porque segundo a minha opinião seria muito interessante, conhecer Portugal deste lado mais "pesado", cheio do som da guitarras pesadas e de bateria.

Nota Biográfica:

Sou estudante de filologia ibérica, entusiasta da música, especialmente da música rock e metal, apaixonada pela língua portuguesa e espanhola. Fiz a licenciatura na Universidade da Maria Curie-Skłodowska em Lublin e agora estudo em Varsóvia.

Tal como em anos anteriores alguns dos nossos passaram o verão a trabalhar em Portugal ao abrigo do programa Erasmus+.

Segundo a página <https://erasmusmais.eu/> o Erasmus+ é o programa da UE nos domínios da educação, formação, juventude e desporto para o período de 2014-2020. Estes setores podem dar uma contribuição importante para ajudar a enfrentar as mudanças socioeconómicas, os principais desafios que a Europa terá de enfrentar até ao final da década e apoiar a execução da Agenda Política Europeia para o crescimento, o emprego, a justiça social e a inclusão. Normalmente Lisboa ou Porto são as opções mais procuradas para fazer um estágio profissional em Portugal. Desta vez Viseu e Faro foram as cidades eleitas. E nas palavras dos próprios alunos não poderiam ter escolhido melhor.



ELINA TOYOS

2º ano de Filologia Ibérica

Olá, chamo-me Elina Toyos e fiz um estágio, através do programa Erasmus +, na biblioteca da Universidade do Algarve com a minha amiga e colega de turma Joanna Celinska. Foi uma experiência inolvidável. Falámos muito português, as pessoas são muito amáveis. Nós viajamos por todo o Algarve, se consegues alugar um carro é muito fácil e não é muito caro. A verdade é que os preços da comida são mais caros que na Polónia mas consegues sobreviver. Escolhemos Faro porque ali há praias, faz muito calor, mas eu gosto do calor. Vocês têm que visitar as grutas de Benagil e as grutas em Lagos são algo incrível. Espero que façam os vossos próprios estágios e escolham os sítios que vocês gostem, não tenham vergonha de falar a língua porque as pessoas vos percebem e ajudarão sem dúvida. Boa estadia!

JOANNA CELIŃSKA *2º ano de Filologia Ibérica*

Chamo-me Joanna, durante os meses de julho e agosto estive em Portugal, em Faro para fazer um estágio na biblioteca universitária na Universidade do Algarve. Estes dois meses foram uma grande aventura para mim. Tudo foi novo, o sol estava mais quente e as pessoas foram muito simpáticas. Visitei muitos lugares tão bonitos que estou impressionada até agora. O que mais gostei foram as grutas da Ponta da Piedade e de Benagil. É enorme a beleza destes lugares. Vi também muitas praias, por exemplo Praia Verde, Praia da Rocha, Praia do Barril, Praia de Benagil. Cada uma destas praias tem o seu carácter e é muito bonita.



Joanna Celińska

Gostei muito da paisagem de Cacela Velha. Visitei também a Ilha do Farol e da Culatra. Participei na feira medieval em Castro Marim. Passei três dias em Lisboa. A capital de Portugal é impressionante. Gostei muito de Lisboa. Vi muitos mais lugares cuja beleza é difícil de descrever.

Portugal é uma nação de gente muito simpática que ajuda os estrangeiros em cada ocasião. Lembrarei esta viagem até ao fim da minha vida. Gosto muito de Portugal e quero voltar o mais rápido que é possível.

JĘDRZEJ LIPNICKI 2º ano de Filologia Ibérica

Como correram dois meses em Portugal? Espetacularmente. Consegui conhecer dez cidades, principalmente a cidade de Viseu onde estagiei com uma bolsa do programa Erasmus⁺. Em Viseu, no ambiente de capital de distrito, vi um exemplo da vida portuguesa real. Por um lado, Viseu é grande porque tem vários museus e muitos pontos de encontro como bares ou restaurantes, e o mais importante, a feira de São Mateus – festival com 625 anos de tradição organizado durante um mês entre agosto e setembro e que alcançou o número de 1 milhão de visitantes uma semana antes do fim da feira. Por outro lado, esta cidade é pequena e não exigia que andasse de metro ou autocarro, quer dizer, não foi necessário que gastasse uma fortuna e o meu tempo para que chegasse a casa cada dia. O lugar do meu estágio era um quiosque – um posto de turismo, e um comboio turístico. As minhas funções eram ficar no posto de turismo e dar informações a turistas de diversas partes do mundo. Além de portugueses apareceram espanhóis, franceses, belgas, alemães, estadunidenses... muitas pessoas todos os dias. Ajudei dois grupos de polacos também. Todos já tinham sentido o ambiente de hospitalidade, generosidade, bom humor e muito boa atitude de Portugal. O grupo de com quem trabalhava no quiosque era como uma família. No dia de trabalho no comboio falava com o motorista durante as pausas como se fosse o meu tio ou alguém que conhecia muito bem. Digo isto porque, de verdade as

gentes de Portugal são assim. Foi um prazer falar com as pessoas mais velhas, que vinham ao Rossio para beber café, falar com os outros viseenses na pastelaria e perguntar com sorriso ao funcionário do quiosque: tudo bem? Era uma pergunta curta e fácil, mas sempre melhorou o humor para o dia todo. Durante aquelas sete horas no famoso Rossio em Viseu apareciam alguns reformados viseenses cujas histórias fascinaram-me cada dia. Falámos todos os dias, contavam-me anedotas e curiosidades. Simplesmente conversavam para passar bem o dia.

Durante os dias de folga visitei as cidades como Lisboa, o Porto, Braga, Guimarães, Coimbra, Fátima, Guarda e muitas mais. Também fui com os amigos do quiosque a uma “Viagem Medieval” a Santa Maria da Feira - o maior evento de recriação histórica medieval do país! Ademais, quase todos os dias podia ir à Feira De São Mateus que era um lugar espetacular! Lá, na Feira ouvi fado ao vivo, falei e pedi o autógrafo de uma fadista. Outro dia, nos arredores de Viseu fiquei a conhecer o que é que era a música pimba. E... falei e também pedi um autógrafo à famosa artista pimba Rosinha. Em agosto fui a um jogo de futebol da equipa local, Académico de Viseu, da segunda liga portuguesa. Um dia antes de voltar ainda consegui ver um jogo do Benfica em Lisboa! Cada dia em Portugal foi ótimo!

Apesar de ter regressado à Polónia no fim de setembro ainda me sinto o ambiente da Portugal dentro de mim. É porque trouxe as memórias para cá, mas deixei uma parte de mim em Portugal. Acho que nunca voltamos de Portugal totalmente. Não voltamos de Portugal – voltamos a Portugal.

“Acho que nunca voltamos de Portugal totalmente. Não voltamos de Portugal – voltamos a Portugal.”



Jędrzej Lipnicki

YANA STSIAPURA

2º ano de Filologia Ibérica

Sou da Bielorrússia. É um país entre a Polónia e a Rússia onde se usa o alfabeto cirílico e não se estuda português. Se és português e estás a ler esta parte do artigo pensa se sabes algo sobre o meu país e se alguma vez planeaste visitar a Bielorrússia. Acho que não. Pois, há 3 anos eu também não sabia nada de Portugal mas agora queria contar como fui para lá, fiz um estágio e me apaixonei pela terra, gente e cultura portuguesa.

O meu destino principal foi Viseu onde trabalhei dois meses no museu que se chama Casa das Memórias. És estudante e estás a pensar no primeiro estágio em Portugal? Não tenhas medo nem dúvidas, vais receber ajuda em todo o lado como eu recebia cada dia. Tinha de falar com pessoas sobre a exposição do museu e da cidade em geral e era cada vez mais fácil. Gostei muito do meu lugar de trabalho onde conheci as pessoas ótimas e onde o cafezinho de manhã (percebi que antes da chegada a Portugal não conhecia o sabor verdadeiro do café) era uma razão bastante importante para chegar um pouco atrasado. No último dia custava muito a despedir-me de tudo.

Mas o estágio em Portugal não é só trabalho. Aproveita a oportunidade, viaja, desfruta o país! Acredita que há muitas coisas para ver. Assim visitei os enormes mosteiros da Batalha e de Alcobaça e quase me perdi no Convento de Cristo em Tomar. Conheci o ambiente estudantil de Coimbra e passeando pela Faculdade de Letras fiquei com vontade de regressar e realizar os estudos de Erasmus. Estive na região vinhateira do Alto Douro, bebi o vinho do Porto nas caves de Vila Nova da Gaia e não me esqueci do lugar onde “nasceu Portugal”. Apanhei 45°C no Vale do Côa ao descobrir as gravuras de Arte Rupestre. Foi o dia mais quente da minha vida! E no último fim-de-semana comi Pastéis de Belém olhando para o Mosteiro dos Jerónimos e desfrutei as



cores do maravilhoso Palácio da Pena. E quanto ainda ficou por visitar! Vou fazer mais um estágio de certeza.

Fazer um estágio em Portugal é fazer amizades, conhecer gente feliz e amigável e depois ter saudades deles. Os portugueses de verdade recebem bem os estrangeiros e estão sempre contentes ao ver que uma pessoa de cultura tão diferente e de um país tão distante tenta falar português e ajudam muito. É claro que depois da estadia em Portugal já não tenho vergonha nem medo de falar português mas há uma coisa ainda mais importante. Agora sei o que quero fazer na minha vida e onde estar, agora percebo que tive muita sorte ao eleger a nossa universidade para estudar e o nosso Centro Camões. E como será a tua experiência?

Atividades do CLP/Camões em Lublin

- 8 e 9/11/2016 Palestras dos professores da Escola Superior de Educação de Lisboa, Dra. Maria João Hortas e Dr. Alfredo Dias: **8/11 Tempos e Espaços da formação de Portugal 9/11 Portugal e Identidade: sociedade, cultura e território.**
- 28/11/2016 **NY Portuguese Short Film Festival 2016**
- 08/12/2016 **„Não só Paulo Coelho“.** Palestra sobre a literatura lusófona, organizada pela Dra. Edyta Jabłonka na Biblioteca Municipal nº 37 em Lublin.
Palestra de Michał Belina (Universidade de Varsóvia): **"Língua mirandesa ontem e hoje»**
- 13/12/2016 **Fundação do Grupo Estudantil de Português da UMCS (Koło Naukowe Portugalistów UMCS)**
- 16/12/2016 **Festa de Natal**
- 20/12/2016 **Encontro sobre tradução literária** com o Professor Doutor Henryk Siewierski da Universidade de Brasília.
- 09/02/2017 **Primeira palestra do ciclo "Viagens na minha terra"** proferida por Agata Błoch com o título "Onde bate o coração do antigo império português?"
- 06/03/2017 **2ª palestra do ciclo "Viagens na minha terra"** com três estudantes "Erasmus" portugueses: André Madeira (Figueira de Castelo Rodrigo), Francisco Morais (Viseu) e Luca Correia (Bragança).
- 24/04/2017 **Concurso Regional de Conhecimentos da América Latina.** Evento organizado em colaboração com CLP/Camões e contou com uma palestra da Professora Doutora Barbara Hlibowicka-Węglarz.
- 26/04/2017 **Visita de Sua Excelência o Embaixador de Portugal na Polónia,** João Manuel da Cruz Leitão da Silva visitou à UMCS
- 27/04/2017 **Bahia presente na UMCS: uma roda de palestras com Clarissa Macedo:** "Literatura e cultura brasileira", "A literatura de Miguel Torga". Dinameire Oliveira Carneiro Rios: "Literatura e cultura brasileira" e "O romance histórico na literatura brasileira".
- 10/05/2017 **5º Congresso dos Estudantes Lusitanistas da Polónia:** Língua e cultura portuguesa através dos séculos.
- 11/05/2017 **Palestra "Timor-Leste - um país de Língua Portuguesa: missão e experiências"** pelo coronel Aureo Ribeiro Vieira da Silva, adido militar do Brasil na Polónia. Depois da palestra teve lugar a Cerimónia da concessão da Medalha Cruz da Paz dos Veteranos da FEB à Professora Doutora Barbara Hlibowicka-Węglarz.
- 15/05/2017 **3ª palestra do ciclo: "VIAGENS NA MINHA TERRA"** com três estudantes brasileiros: Ana Carolina Andres, Keli Medeiros e Mathias Berwig.
- 07/06/2017 **Participação nas comemorações do Dia Internacional da Tradução** (chamadas "Hieronimki"), organizadas na Faculdade de Letras.

CONCURSOS

- Concurso de Tradução de Língua Portuguesa: 1º Agnieszka Kuzera, 2º Kamila Choroszevska, 3º Ewa Urbańczyk
- Concurso sobre Conhecimentos de Cultura Geral: Portugal e Brasil. Escolas do 3º ciclo: 1º Katarzyna Szmagara (Lublin), 2º Franciszek Prończuk (Puławy), 3º Paweł Kaczka (Lublin). Escolas secundárias: 1º Dominik Chrzanowski (Puławy), 2º Wiktoria Ceniuk (Lublin), 3º Angelika Nizioł (Lublin)
- Concurso de Apresentação Multimédia "Rios de Portugal": Escolas do 3º ciclo 1º Szymon Mielczarek (Wałbrzych), 2º Filip Cisek (Posada Górna), 3º Katarzyna Szmagara (Lublin). Escolas secundárias: 1º Adrianna Augustyniak (Poznań), 2º Łukasz Kaczyński (Sandomierz), 3º Łukasz Kaluźniak (Krasnystaw).
- Concurso de Fotografia "Portugal natural": 1º prémio Pamela Paradowska

FINALISTAS
2014/2017

ESTUDOS PORTUGUESES

Da esquerda para a direita: Marlena Rajzyngier, Kinga Starczyk, Barbara Kęsik-Kowalik e Dorota Podstawka



FILOLOGIA IBÉRICA

2014 / 2017

Da esquerda para a direita: Małgorzata Bednarz, Aleksandra Deska, Anna Fiutek, Marta Adamczuk, Gabriela Malik, Agnieszka Rozwałka, Paulina Rogoza, Diana Chyrchała, Anna Reszka, Dominika Birunt, Magdalena Dudzic, Monika Kwolek, Magdalena Ilczuk, Anna Sikora e Aleksandra Kulas.

Centrum Języka Portugalskiego/Camões zaprasza do swojej siedziby na:



Wystawy
Promocje książek



Pokazy filmów



Zajęcia praktyczne



Wykłady na temat krajów
portugalskojęzycznych



Koncerty

Kursy języka portugalskiego:

- Małe grupy
- Wszystkie poziomy zaawansowania

Oficjalne egzaminy z języka portugalskiego:

- Wersja europejska (CAPLE)
- Wersja brazylijska (CELPE-Bras)

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



UMCS
UNIWERSYTET MARII CURIE-SKŁODOWSKIEJ
W LUBLINIE



Centrum Języka Portugalskiego-Camões ul. Sowińskiego 12, 20-040 Lublin, tel. 081 537 27 20
e-mail: clp.lublin.polonia@gmail.com www.umcs.lublin.pl/camoes
Godziny otwarcia: poniedziałek-piątek 9.00-17.00